



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA  
BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
COLEGIADO do curso de Licenciatura em LETRAS:  
língua portuguesa/Libras/Língua Inglesa**



**WANDERLEIA BISPO DOS SANTOS**

**O EMPREGO DE GÍRIAS: AVALIAÇÃO SOCIAL POR FALANTES DE MUTUÍPE-  
BA**

**Amargosa- BA  
2018**

**WANDERLEIA BISPO DOS SANTOS**

**O EMPREGO DE GÍRIAS: AVALIAÇÃO SOCIAL POR FALANTES DE MUTUÍPE-  
BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca examinadora do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Libras do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como exigência para obtenção do diploma de licenciado em Letras.

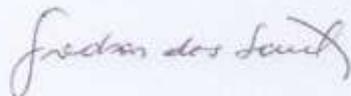
**Orientador: Profº. Dr. Gredson dos Santos**

SANTOS, Wanderleia Bispo dos. **O Emprego de gírias: Avaliação social por falantes de Mutuípe-Ba.** Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Libras e Língua estrangeira na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2018.

O EMPREGO DE GÍRIAS: AVALIAÇÃO SOCIAL POR FALANTES DE MUTUÍPE-BA

WANDERLEIA BISPO DOS SANTOS

Banca Examinadora



---

Prof. Dr. Gredson dos Santos  
Orientador



Prof. Dra. Fernanda Maria Almeida dos Santos



---

Prof. Dr. Adielson Ramos de Cristo

Aprovado em 27 de março de 2018.

## DEDICATÓRIA

A Deus, que me abençoou provendo-me de tudo que necessitei e, às vezes, trancando meus ouvidos para o que me fazia mal. Agradeço, também aos órgãos governamentais, pois se não fossem as Bolsas da UFRB/PROPAAE e do PIBID, seria, praticamente, impossível prosseguir os estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, peço perdão ao meu Jesus por eu ter me desligado da sua casa, que é a Igreja, durante quase todo o período da graduação e, ao mesmo tempo, agradeço a Ele, o todo poderoso, pela sabedoria concedida para alcançar meus objetivos acadêmicos, pois ele proveu todo o necessário para que esse momento tão desejado fosse concretizado, mesmo sabendo que não sou merecedora de tanta graça.

À minha mãe, Valdecy Bispo dos Santos, que me ajudou como pôde, e à minha irmã Cleidineia Bispo dos Santos, que, como se fosse minha mãe, cuidou de mim e dos meus filhos quando precisei.

Em especial, agradeço também à minha filha, que me apoiou em todos os momentos em que pensei em desistir da árdua caminhada; se não fosse pensando nela e no meu filho, que nasceu em 2015, eu não teria forças para vencer tantas lutas pelas quais passei.

Ao meu orientador, professor Doutor Gredson Santos, pela paciência e dedicação concedida à minha pessoa durante todo o processo de orientação. Peço perdão pela minha teimosia quando eu quis defender em 2017; hoje eu reconheço que tudo acontece no tempo de Deus, e não como queremos, e o Orientador é a pessoa certa para saber isso.

A todos os meus amigos, em especial Valdecy Barros dos Santos e Girlene Santos de Santana, que estiveram sempre do meu lado e que se mostraram presentes em todos os momentos fáceis e difíceis da minha graduação. Agradeço também a Elane de Jesus e Amanda Almeida, que me ajudaram sempre que eu pedia.

À minha amiga Lúcia Cristina Almeida Sousa, que muitas vezes ficou com minha filha para eu estudar e que sempre me encorajou com suas palavras carinhosas e me ensinou a amá-la de maneira infinita.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, ajudaram-me a estar concluindo esta Graduação tão sofrida e sonhada.

## RESUMO

A gíria é um fenômeno sociolinguístico empregado por jovens e adultos de diferentes classes sociais. Nesse sentido, o trabalho que ora se apresenta, respaldado em princípios teóricos da Sociolinguística. Alguns dos trabalhos que serviram de base para este estudo são: Calvet (2002), Bisnoto (2007), Bagno (2007), Lucchesi (2002), Alkmim (2003), Patriota (2008), entre outros. O que nos motivou a fazer esse estudo foi buscar saber que valores sociolinguísticos são atribuídos às gírias por pessoas de Mutuípe. O método usado nesta pesquisa é o de campo. Esse método de pesquisa tem por objetivos coletar dados de uma população ou determinado grupo social, objeto, etc. Na pesquisa de campo, houve a participação direta do pesquisador, pois o pesquisador na área da sociolinguística precisa participar diretamente da interação com os sujeitos. Participaram do estudo oito informantes, sendo quatro da faixa etária de dezoito a vinte e cinco anos e quatro informantes com idade entre quarenta e cinco anos em diante. Partimos da suposição de que pessoas mais idosas atribuem valores negativos ao uso de gírias; além disso, previa-se também que os grupos jovens atribuem valores positivos ao uso de gírias, ou que gírias são fatores de identidade grupal para os jovens. Os principais resultados confirmam as hipóteses aventadas para o trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística, Atitudes linguísticas, e Gíria

## RESUMO

### **THE EMPLOYMENT OF GYRIA: SOCIAL EVALUATION BY SPEAKERS OF MUTUÍPE**

Slang is a sociolinguistic phenomenon employed by young people and adults of different social classes. In this sense, the work presented here, supported on theoretical principles of Sociolinguística. Alguns the work that formed the basis for this study are: Calvet (2002), Bisnoto (2007) Bagno (2007), Lucchesi (2002), Alkmim (2003), Patriot (2008), among others. What motivated us to make this study was to seek to know what sociolinguistic values are attributed to slang by people of Mutuípe. The method used in this research is the field. This research method aims to collect data from a population or certain social group, object, etc. In the field research, there

was the direct participation of the researcher, as a researcher in the field of sociolinguistics need to participate directly in the interaction with the subjects participated in the study eight informants, four of the age of eighteen to twenty-five years and four informants aged between forty and five years on. We start from the assumption that older people attribute negative values to the use of slang; Furthermore, it also provided that the youth groups attribute positive values to the use of slang, slang or group identity are factors for young people. The main results confirm the assumptions made for the work.

**Keywords:** Linguistic variation, Language Attitudes, and Slang.

## Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 LÍNGUA E SOCIEDADE .....	12
2.1 RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS .....	14
2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA.....	15
2.2.2 Breve histórico.....	15
2.2.2 Objeto de estudo: o vernáculo.....	17
3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	19
3.1 NÍVEIS EM QUE OCORRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	21
3.1.1 Variação lexical.....	22
3.1.2 Variação fonética.....	23
3.1.3 Variação morfológica.....	24
3.1.4 Variação sintática.....	25
3.2 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	26
3.2.1 A variação diatópica .....	26
3.2.1 A Variação diastrática.....	27
3.2.2 A variação etária.....	28
3.2.3 A variação estilística .....	29
3.2.4 A variação diagenérica.....	30
4 AS GÍRIAS E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	32
4.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS ESTUDOS DAS GÍRIAS.....	33
4.1.1 Dois estudos recentes sobre gírias no português brasileiro.....	36
4.2 AS GÍRIAS E A VARIAÇÃO EM NÍVEL LEXICAL.....	38
4.3 AS GÍRIAS E A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	41
4.3.1 Atitudes sociolinguísticas.....	42
4.3.2 As gírias e a avaliação social.....	45

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
5.1 A COMUNIDADE: BREVE HISTÓRIA DA CIDADE DE MUTUÍPE-BA.....	49
5.1.1 Localização de Mutuípe-Ba.....	56
5.2 OS INFORMANTES.....	58
5.2.1 Moradores do subúrbio de Mutuípe.....	59
5.2.2 Moradores do centro da cidade.....	60
5.3 A ENTRADA EM CAMPO E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	62
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	64
6.1 detalhamento da análise.....	65
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICE.....	87
Apêndice 1: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	87
Apêndice 2: Ficha do informante.....	88
Apêndice 3: Ficha do informante.....	90

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta tem como objetivo observar o conceito que dois grupos etários de Mutuípe-BA têm sobre o uso de gírias. Assim, pretendemos, também, fazer uma discussão sobre essas práticas linguísticas, bem como as suas variações nos ambientes sociais. Além disso, iremos observar também que valores sociolinguísticos são atribuídos às gírias por esses falantes. Partimos do pressuposto de que a faixa etária mais alta atribuiria valor pejorativo as gírias, enquanto a menor atribuiria valor positivo, ou consideraria a gíria como fator de identidade grupal.

A gíria trata-se de um fenômeno sociolinguístico empregado na maioria das vezes por jovens e adultos de diferentes classes sociais. Percebemos que as pessoas hoje em dia usam gírias em diversos ambientes, principalmente dos jovens, que usam esta linguagem nas ruas, nas escolas e na maioria dos lugares que frequentam. Porém, as pessoas ainda sabem pouco sobre o conceito da mesma, de acordo com os resultados desta pesquisa.

O componente que retrata a nossa língua é o léxico, pois este tem a função de nomear e designar fatos, objetos, processos, pessoas, entre outros. O léxico se reflete numa transformação social, portanto, pode-se dizer que o mesmo pode ser considerado como uma classe de palavras aberta, onde estão sempre incorporando novas formas, novos itens lexicais, novas formas de expressão. Assim, podemos afirmar que o léxico comporta unidades de todos os ambientes, incluindo a gíria, que é um objeto de grande valia na análise deste trabalho. Pensando na importância da gíria, para a educação e para o ensino de língua que desenvolvemos o presente trabalho que pode ser dividido em sete capítulos.

No segundo capítulo, intitulado *Língua e sociedade*, será mostrado que realmente existe relação entre língua e sociedade e como base teórica para afirmar isto, temos: Martelota (2011), Calvet (2002), Petter (2012) entre outros. Ainda neste capítulo será mostrado a Sociolinguística, breve histórico e o seu objeto de estudo. O terceiro capítulo aborda a *Variação linguística*, os níveis em que ocorre a variação e alguns tipos de variação linguística. O quarto capítulo aborda as gírias e as

atitudes linguísticas, destacando brevemente o estudo recente de dois autores. O quinto capítulo, que trata da metodologia, primeiramente traça um breve histórico da cidade de Mutuípe-Ba, sua localização, os informantes pesquisados. Mostraremos ainda neste capítulo também como foi a entrada em campo e a realização das entrevistas. No sexto capítulo, mostraremos a apresentação e análise de dados e o detalhamento da mesma e por fim, as considerações finais. Além dos já mencionados, para embasar teoricamente este trabalho contamos com autores como, Bisnoto (2007), Bagno (2007), Lucchesi (2002), Alkmim (2003), Patriota (2009), Corrêa (2008), Silva (2009), entre outros.

O estudo de gírias é de suma importância para o professor, sobretudo o de Língua portuguesa, pois trabalha com o uso da língua e a gíria embora tão usada pela maioria das pessoas, principalmente, os jovens. A gíria ainda é discriminada pela maioria das pessoas de diversos grupos etários devido ao fato de a gramática normativa considerar positiva e “correta” a norma culta e se opor as demais normas, sobretudo as gírias que muitas pessoas as relacionam a linguagem de malandros, considerando negativas quem faz uso dela. Assim, cabe ao professor de língua portuguesa ao ensinar variação linguística, aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre gírias de forma que estes além de conhecer conceitos aprendam a usar de acordo ao contexto e respeitar a variação linguística das pessoas de forma que conheça que não há uma melhor ou pior que outra.

## 2 LÍNGUA E SOCIEDADE

O homem, como um ser social, precisa se comunicar e viver em sociedade, que por sua vez, é composta por diferentes comunidades. É nesse lugar em que há uma troca de conhecimentos e experiências. É através do conhecimento que o indivíduo aprende a assimilar e compreender o mundo em que vive, dando-lhe meios para transformá-lo e ser transformado.

Através das experiências de sua comunidade, o homem vai construindo uma cultura própria que é transmitida de geração a geração. Para transmitir sua cultura, seus conhecimentos e para suprir a necessidade de buscar seus modos de expressar seus sentimentos com o mundo e com o outro, faz-se necessária a linguagem, que é a capacidade que o homem tem de comunicar-se seja através de signos, símbolos, linguagem verbal ou não verbal.

Existem várias formas de o indivíduo emitir mensagem, mas através da língua, o homem é capaz também de transmitir quaisquer mensagens; porém essa língua não se estrutura de forma aleatória; ela é um conjunto de elementos de regras combinatórias que possibilita a troca de inúmeras informações. Por meio dela, também, o homem comunica-se; porém, para que haja comunicação de fato, é necessário o entendimento do código pelo emissor e receptor.

A língua é uma criação social e os falantes da língua também possuem esta característica e, por isso, percebe-se grande semelhança entre a língua e a sociedade. Na perspectiva que adotamos aqui, acredita-se que a língua é um fator social, ideia que é mantida por diversos linguistas e filósofos que acreditam que há relação entre língua e sociedade, pois a língua está em constante transformação, assim como a sociedade também se modifica a cada instante. Essas mudanças da sociedade são percebidas, também, através da língua e de expressões que, em determinada época, eram consideradas positivas e depois podem passar a ser consideradas como algo negativo, ou muitas vezes, conceitos ou palavras antes consideradas pejorativas passam a ser vistas como naturalmente positivas na comunicação.

Martelotta (2011, p. 16) define língua como “um sistema de signos vocais, utilizados como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística.” Desse modo, a língua é um dos meios de expressão do pensamento, pois ainda podemos nos expressar através de um “silêncio” o não dito pode também expressar o que pensamos e quando nos calamos diante de determinado contexto também estamos emitindo uma mensagem.

Assim, o autor mostra que, se os indivíduos não entendem os signos vocais usados para transmitir seu pensamento, não pode considerar que houve comunicação; para que isso aconteça é preciso que haja entendimento do que foi dito por ambas partes. Numa língua ou numa sociedade, muitas palavras vão caindo em desuso ou vão passando a ser usadas em contextos diferentes. Algumas expressões que são usadas de forma pejorativa e em outro contexto, por exemplo, passam a terem cargas positivas como algumas gírias. Um exemplo, é uma expressão que atualmente é muito usada pela maioria dos jovens: “É de fudê” (no sentido bonita, elegante) Ex: “Aquela blusa que vi na loja é de fudê”. A mesma expressão no sentido pejorativo: (“vai se dar mal”). Ex: “Se você bater nele vai se fudê”. Assim, fica claro, mais uma vez, que língua e sociedade não podem estar separadas, pois há uma relação muito grande entre elas, ambas evoluem com o tempo.

Por acreditarem que língua e sociedade estão atreladas, muitos linguistas e filósofos se interessaram por este tema. Como mostra Calvet (2002), foram surgindo muitos estudos e teorias para explicar o conceito de língua, alguns dos principais linguistas estudados para compreender esses conceitos atualmente são Saussure, Meillet e Labov. As teorias desses linguistas entravam em conflitos, ambos queriam saber se a língua tinha relação com o social, ou se era realmente um “fator social” como já evidenciava o linguista Saussure.

“Para Saussure a língua, é elaborada pela sociedade, é somente nela que ela é social, enquanto, já vimos, Meillet dá à noção de *fato social* um conteúdo muito mais preciso” [...] (CALVET, 2002, p.16)

E realmente foram comprovadas as hipóteses desses estudiosos que causavam tanto conflitos ao afirmarem que existia relação entre língua e sociedade. Desse modo, a

língua é um fator social, pois é através da língua que os indivíduos interagem e podem modificar e serem modificados

## 2.1 RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Nesta seção será discutida a relação entre Língua e sociedade nos estudos linguísticos. Segundo Petter (2012), os primeiros estudos da língua foram por razões religiosas: os Hindus estudaram sua língua para que os textos sagrados reunidos no Veda não sofressem modificações no momento de ser proferido. Na gramática comparada foi possível perceber que as línguas transformam-se com o tempo. A mudança das línguas não depende da vontade do homem, mas segue uma necessidade própria da língua e tem uma regularidade, ela não acontece de qualquer forma. Graças aos alunos de Saussure, as obras do mesmo puderam ser publicadas.

Assim, podemos perceber que nem sempre, ao longo do século XX, as relações entre língua e sociedade eram levadas em conta, como, por exemplo, nos estudos estruturalistas, em que essas relações não eram levadas em conta, pois não se pensava na parte social da língua, mas sim, na sua estrutura.

Com os estudos da sociolinguística há uma preocupação com o caráter social e evolutivo da língua. Logo, percebe-se que as evoluções linguísticas são reflexos dos fatores sociais, como mostra Millet (1921 apud CALVET, 2002, p. 16.)

Segundo ele, “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921 apud CALVET, 2002, p. 16).

De fato, a língua é uma entidade social e sofre influências internas e externas; ela nunca está pronta; suas regras de funcionamentos nunca irão contemplar a todos, pois nem os dicionários e os livros de gramática conseguem dar conta da língua. Como mostra Bagno (2007, p.3- 6).

## 2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA

O objetivo desta seção é mostrar um breve histórico da sociolinguística e seu objeto de estudo. Assim, compreendemos que a sociolinguística é uma ciência que estuda o comportamento linguístico dos membros de uma comunidade, analisando o uso concreto da língua pelos seus falantes sem esquecer os contextos, sociais, culturais e econômicos presentes na comunidade.

### 2.2.2 Breve histórico

Conforme Calvet (2002, p.20) “de 11 a 13 de maio de 1964, por iniciativa de Wilian Bright, 25 pesquisadores se reuniram em Los Angeles para uma conferência sobre a sociolinguística”. Essa conferência foi de grande importância para o início dos estudos sociolinguísticos, pois muitos outros estudiosos e sociólogos passaram a estudar esta ciência.

Conforme Tarallo (2011, p. 7):

O primeiro estudo da Sociolinguística foi feito em 1964 sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos). O autor deixa claro que, após esse estudo, vários outros se seguiram entre esse ele destaca os estudos sobre a estratificação social do inglês falado em Nova York (19660); a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros o Harlem, Nova Iorque, e por fim, destaca os estudos sociolinguísticos da Filadelfia, entre outros.

Desse modo, verifica-se que, a partir do primeiro estudo sociolinguístico, foram surgindo outros acerca do assunto. Esses estudos foram de grande importância para o aperfeiçoamento da sociolinguística, pois assim ficou evidente que não se pode falar da língua sem levar em consideração o contexto social do falante.

Ribeiro (2013, p.26) mostra também que:

Existiu outro estudo muito importante para o avanço metodológico dos estudos sociolinguísticos desenvolvido por Labov, ela mostra também, em sua tese de doutoramento que nele, o estudioso analisa a estratificação social do inglês nova-iorquino (1966) a partir da análise do fenômeno de presença e ausência da consoante pós-vocálica -R em falas de vendedores de três lojas de departamentos subdivididas em status superior, médio e inferior, intentando, assim, a autora concluir apresentando o que o estudioso constatou, destacando que ele quis mostrar como o falar destes profissionais revela-se em consonância à estratificação social dos seus locais de trabalho.

Assim, foi possível perceber que o meio social e escolaridade dos indivíduos interferem muito na forma de falar das pessoas, como foi possível observar, acima, na pesquisa desenvolvida por Labov que mostra a presença ou a ausência da pronúncia da consoante pós vocálica- R é interferido pelo status superior, médio e inferior dos indivíduos.

A Sociolinguística surgiu com o objetivo de resolver questões que outras correntes não deram conta de estudar como, por exemplo, a língua em seu uso concreto. Neste propósito, a língua é vista como algo que não pode ser estudada fora de um contexto, de uma comunidade linguística influenciada pela história dos indivíduos que a usam para realizar a comunicação, Labov faz o caminho inverso de Saussure, já que este fez um esforço para excluir o que é externo à língua em se dos estudos linguísticos, e aquele procura justamente demonstrar que o funcionamento de uma língua não pode ser entendida no vácuo. Ela necessariamente faz parte de uma sociedade que a utiliza, a influencia e é influenciada por ela. (BELINE, 2011, p. 149).

Realmente, nenhuma ciência iria dar conta de resolver questões relacionadas à língua fora do contexto, pois a língua não pode ser estudada isolada, deve ser levada em conta o contexto e a sociolinguística surge com esse propósito.

Assim, é possível perceber que a sociolinguística na década de 60 começou a estudar o contexto de fala das pessoas, já que antes não se pensava nessa análise e sim

nas questões estruturais. Labov foi o precursor da Sociolinguística. Seus trabalhos foram essenciais, na década de 1960, para o início dos estudos sociolinguísticos, porém o termo Sociolinguística passou a existir pela primeira vez em 1950. Com esses estudos foi possível perceber que existem relações entre a estrutura linguística e a estrutura social (CEZARIO E VOTRE, 2011).

### 2.2.2 Objeto de estudo: o vernáculo

Segundo Lucchesi (2002, p. 66),

A sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamentos linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis.

Assim, percebe-se que toda língua tem suas regras e, independentemente de conhecer conceitos, todo falante tem a competência linguística para fazer uso de palavras e expressões adequadas a sua língua em diversos contextos. Logo, o indivíduo alfabetizado ou não na escrita do português, por exemplo, saberá que a estrutura silábica do português é **consoante-vogal-consoante** e essa estrutura faz parte de umas das regras do português. Observa-se, também, que a fala do indivíduo é espontânea e todas as pessoas, mesmo sem escolaridade, conseguem se expressar através da fala e, nem as pessoas escolarizadas, em seu momento informal, não consegue falar o tempo inteiro seguindo as regras da gramática normativa, é neste “deslize” que acontece, naturalmente, na fala que se chama vernáculo.

Assim, independentemente de o indivíduo ser escolarizado, de classe social alta ou não, ele terá sempre o seu vernáculo, ou seja, sua fala que utiliza normalmente no seu dia-a-dia. É justamente esse vernáculo que é o objeto de estudo da sociolinguística, uma vez que esta pretende analisar a fala no contexto social do falante. Em uma conversa formal, por exemplo, as pessoas procuram usar palavras escolhidas e adequadas, mas nenhuma pessoa consegue o tempo inteiro ser formal e a fala materna do indivíduo sempre vai transparecer.

A Sociolinguística estuda a língua em uso, ou seja, ela considera a língua em diferentes contextos e nas mais diversas formas de comunicação. Assim, “o principal objetivo dessa corrente é compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade” (CALVET, 2002).

As pessoas costumam usar a língua em diversas situações e procuram a fala adequada para cada contexto. Quando se trata de uma conversa formal, elas usam palavras que, na maioria das vezes, não estão no seu cotidiano. Em uma entrevista de emprego que depende da comunicação com pessoas escolarizadas, por exemplo, as pessoas procuram ser o mais formal possível, evitando gírias que, na maioria das vezes são estigmatizadas (principalmente quando se trata de entrevista). Já em uma conversa com amigos, colegas da universidade ou pessoas da família, em um contexto informal, é possível fazer usos da linguagem diária do falante, o vernáculo.

Para Tarallo (2011, p. 19):

A língua falada é o vernáculo linguístico de comunicação usados em situações naturais de interação social do tipo de comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossa família. Segundo ele é a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos, nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores.[...] a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias [...] sem haja preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos o mínimo de atenção é prestado a língua, ao como da enunciação.

É através do vernáculo que as pessoas se comunicam no dia a dia com o vizinho, com a família, sem se preocupar com as palavras que irão empregar para dizer o que desejam. Desse modo, o vernáculo é usado por todos falantes, pois é praticamente impossível as pessoas usarem a todo tempo em quaisquer contextos uma linguagem formal na comunicação.

Assim, este capítulo mostrou a relação entre língua e sociedade; deixou claro que a sociolinguística é o estudo da língua levando em conta diversos contextos; mostrou o objeto de estudo desta abordagem, bem como seu breve histórico, o que é de grande importância para entendermos língua e sociedade estão muito interligadas.

### 3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Entendemos por variação linguística as diversas formas de expressar um mesmo conteúdo semântico. Porém essas expressões irão variar de acordo com algumas situações do falante, alguns desses nomes podem ser mal vistos pela sociedade, por isso, é preciso usar as palavras certas de acordo com o ambiente.

A escolha das palavras contextualizadas é de grande importância na comunicação; primeiro pelo fato de que, se um indivíduo não conhece o significado da variação linguística apresentada do outro e não consegue compreender pelo contexto, não haverá comunicação, e, segundo, é preciso usar palavras adequadas, por exemplo, uma palavra considerada como um termo pejorativo, usado para descrever uma mulher provocadora que demonstra interesse por outras pessoas, mesmo que uma das partes esteja em um relacionamento em uma conversa mais formal não façamos o uso da palavra como “baranga”, “piriguete”, que as pessoas atribuem valores pejorativos.

Beline (2011, p. 122) faz um estudo referente às diversas formas de falar, o ponto principal ao qual o autor vai se referir no texto é ao léxico, ou o vocabulário. O autor considera que o importante nesse estudo é saber que cada vocábulo tem a sua forma própria, e que o léxico pode ser usado para fazer referência a um determinado fruto, determinada planta, que possui um determinado tamanho, ou seja, das características que é impossível tal elemento ser confundido com outro. Para tanto, o autor considera a chamada variação linguística como um conjunto de duas ou mais variantes, que, por sua vez, são diferentes em suas formas linguísticas e que vão ter o mesmo sentido.

As variações linguísticas não acontecem aleatoriamente, possuem suas regras de funcionamento. Podemos observar, por exemplo, na variação fonológica que é a troca da consoante // pela consoante /r/ em palavras como “planta”, que algumas pessoas pronunciam [pranta].

A variação linguística não acontece de forma aleatória, as influências externas são de grande importância para a análise da língua, como mostra Lucchesi (2002, p. 66):

Em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa

coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores.

Constata-se, de modo muito evidente, a existência de variedades de prestígio e de variedades não prestigiadas nas sociedades em geral. A língua é empregada por pessoas de nações diferenciadas, social e culturalmente, mas independente do lugar ser amplo ou pequeno como uma aldeia indígena, por exemplo, sempre irá ocorrer variação.

Neste sentido, afirma Bagno (2007, p. 44): “se selecionarmos fatores sociais e fenômenos linguísticos relevantes para o estudo, a pesquisa sociolinguística permite que a gente faça um retrato bastante fiel de como é a realidade dos usos da língua no Brasil.”

A língua está em constante mudança; surgem palavras diferentes e outras deixam de existir, mas, apesar da evolução que ocorreu na sociedade, muitas pessoas ainda têm preconceito com algumas formas de falar. Esse estereótipo não se refere a variedades diferentes apenas, mas também às variações geográficas das línguas, frequentemente discriminadas por diversos grupos de falantes.

A autora Tânia Maria Alkimin (2003) evidencia que não há norma melhor ou pior que outra e normalmente muitas pessoas têm a ilusão de que a norma padrão é a melhor, quando, na verdade, isso não acontece, deve existir apenas uma adequação aos contextos que se emprega cada norma.

A variedade padrão de uma comunidade – também chamada norma culta, ou língua culta – não é, como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se apropriam como podem ou são capazes. O que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar entre os vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo ‘correto’ de falar. Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes. Em nossas sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística

falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante. (ALKMIM, 2003, p.40)

Estabeleceu-se que há uma variedade padrão da qual faz parte a norma culta e seus falantes teriam que se adequar a essa norma, classificou-se essa norma culta como a “correta”, mas nenhum falante consegue fazer com que o uso da norma culta, pois, por mais que o falante se esforce, o vernáculo sempre prevalecerá mesmo as pessoas de classe social alta não a usa. Atualmente, muitas pessoas de classe social alta convivem com pessoas que, na maioria das vezes, não têm escolaridade, grande parte delas, não usa a norma culta, considerada de prestígio social, desse modo, as pessoas que convivem, diariamente, com estes criados podem ser influenciadas pelas linguagens e vocabulários das mesmas, porém não usam frequentemente. Isso mostra que, há um grande distanciamento entre norma culta e norma padrão.

Portanto, entendemos por variação linguística as diversas formas de designar os mesmos objetos, ou expressões. Essas designações sofrem influências externas, isso dependerá da região, classe social e momento histórico das pessoas ao se referirem a determinados objetos ou expressões. Muitas vezes, as mesmas palavras terão sons ou escritas diferentes e também sentidos diferentes. Assim, essas diferenças que ocorrem nos níveis fonéticos, morfológicos, sintático, lexical são as variações que podem ocorrer na língua.

### 3.1 NÍVEIS EM QUE OCORRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Nesta seção, serão abordados os níveis que ocorrem variação linguísticas, destacando os níveis: lexical, fonética, morfológica, sintática, e os tipos de variação linguística, chamando atenção para as variações: diastrática, etária, estilística e diagenérica. Para compreendermos o estudo das gírias é de fundamental importância o estudo das variações linguísticas bem como os níveis que ela ocorre e o tipo de variações que são vários, porém, nos pautamos apenas nos referido acima.

### 3.1.1 Variação lexical

As palavras possuem sentidos diferentes e muitas vezes as mesmas palavras se referem a objetos e coisas diferentes; isso dependerá do contexto ou da região onde se está falando, ou, às vezes, em uma época, uma palavra tinha um sentido e passa, depois de certo tempo, a ter outros significados. A essa variação no sentido das palavras chamamos variação lexical. Porém o sentido expresso da palavra ou expressão deve ser analisado no mesmo contexto, não como manga que em um contexto é fruta e em outro é parte da roupa.

Podemos citar como exemplo de variação lexical “mistura”, que em São Paulo refere-se a arroz, macarrão, “cândida” significa água sanitária que em muitos lugares da Bahia, as pessoas denominam pela marca “Q´boa”. “Abóbora”, que, a depender da região, denomina-se jerimon. Outra, é a mandioca que pode ser tratada como aipim, macaxeira. Além de muitas outras que se usam bastante, como pão francês, pão de trigo, cacetinho e filãozinho; vaso, bacio, privada, etc.

Coelho (2010, p. 50) mostra que “no campo da variação lexical, as maiores contribuições têm sido oferecidas a partir de estudos geolingüísticas de diferentes regiões do Brasil”. A mesma afirma que os fatores lexicais estão intimamente ligados a fatores extralingüísticos, de caráter cultural, sobretudo etnográficos e históricos.

A variação lexical está relacionada aos significados das palavras que variam de região, tempo, gênero, ou ainda o modo de falar formal ou não. Como mostra Coelho (2010, p. 53), “O que a análise da distribuição geográfica de formas lexicais tem permitido, portanto, é a delimitação de áreas lexicais, ou seja, de zonas de um território que se caracterizam por nelas existirem vocábulos que não ocorrem noutras zonas”.

Sendo assim, a própria palavra léxica já nos mostra que estamos remetendo-nos aos sentidos das palavras e, quando se trata de variação, entendemos que diz respeito à variedade, portanto variação lexical são as variadas formas de referir-nos aos mesmos objetos, coisas e expressões que apresentam sentidos diferente a depender da região, do lugar. Tomamos como exemplo de variação lexical, toalhinhas higiênicas que pode também ser chamada de “modes”, absorventes. Desse modo, a variação diacrônica atinge o léxico.

### 3.1.2 Variação fonética

A variação fonética está ligada à fonologia, pois está no nível do som. As mesmas palavras podem apresentar sons diferentes sem alterar o sentido das mesmas. Isso ocorre por diversos fatores extralinguísticos. Podemos tomar exemplo do fator de escolaridade baixa, pois na maioria das vezes quem possui pouca ou nenhuma escolaridade tende a apagar /r/ das palavras, trocar // por /r/ e assim por diante. Porém, indivíduos escolarizados em seu vernáculo também faz uso desta variação. Existem diversos fenômenos relacionados aos sons das palavras. Alguns exemplos desta variação podem ser conferidos nos pares: “fêra” ~ “feira”, “gaufo” ~ “garfo”, “barde” ~ “balde”, “bicicreta” ~ “bicicleta”, “amá” ~ “amar”.

Coelho et al. (2010, p. 53) discutem a respeito de variação fonológica e mostram um fenômeno que é o rotacismo muito presente na língua.

Nesse caso há uma troca do fonema // pelo /r/ nas palavras ‘filme’ e ‘Sílvio’, constituindo--se um caso de variação fonológica. Esse fenômeno de troca de // por /r/ se chama rotacismo. Existe uma explicação histórica para a troca de // por /r/.

Porém, neste trabalho, não pretendemos entrar no contexto histórico para explicar o som das palavras, aqui nosso objetivo é, simplesmente, mostrar que a variação também acontece no som das palavras.

Coelho (2010, p.54-55) aborda também que ainda no âmbito da variação fonológica, encontramos:

Síncope: supressão de fonema no interior da palavra. Há uma tendência de as proparoxítonas se igualarem às paroxítonas, que são muito mais frequentes no português. Atualmente, nossa língua apresenta ainda outros casos: relampo (por ‘relâmpago’), fósforo (por ‘fósforo’), abobra (por ‘abóbora’), arvre (por ‘árvore’), figo (por ‘fígado’) etc.

Todas essas variações são exemplos que comprovam que a variação fonética está realmente presente na língua; porém, o fato de uma palavra ser pronunciada com troca do // por /r/ não muda o sentido das palavras, a depender do contexto se não for o caso de

“flagrante” e “fragrante” palavras parônimas na língua portuguesa, ou seja, possuem grafia e pronúncia semelhantes, porém com significados muito diferentes. A palavra “fragrante” é referente ao que têm cheiro agradável, algo que é cheiroso ou perfumado e flagrante que significar ser pego na hora de determinado ato.

Coelho et al. (2010, p. 25) mostram “o fenômeno da despalatalização que consiste na perda da palatalização (<lh> passa para <l>: palha> palia seguida de iotacismo”.

Esse tipo de variação, não altera o sentido das palavras, como ocorreu no exemplo de “flagrante” e fragrante, logo verificamos que trata de variações que ocorrem também no nível do som das palavras e apesar de variações fonéticas como estas, serem visivelmente usadas por pessoas sem ou com pouca escolaridade, são usadas também por pessoas com graus de instruções maiores.

Portanto, assim como as demais variações, as fonéticas são importantes e apresentam uma vasta quantidade de fenômenos importantes que sua origem histórica justifica a existência de tais fenômenos linguísticos ocorrentes nos sons das palavras.

### 3.1.3 Variação morfológica

Podemos tomar como exemplo a variação morfológica, como nos mostra Coelho et al., (2010, p. 26), a que diz respeito à alteração que ocorrem num morfema da palavra. Um exemplo que os autores trazem está ligado ao gerúndio, esse morfema sofre uma redução para -no com a queda o fonema/d/. É muito comum esse tipo de variação mesmo pessoas escolarizadas e até mesmo graduadas fazem uso desta variação, as palavras em que mais ocorrem esta variação são: “comeno, bebeno, falano, assistino”, porém ainda existem muitas outras palavras com esta variação. Além dessas variações, podemos ver que tem outras relacionadas as gírias, como por exemplo “japa” (japonês), “groja” (grojeta). Nesse caso, percebemos que houve o apagamento de um morfema. Essas variações são gírias de grupo normalmente são usadas e identificadas por determinados grupos restritos.

Coelho et al. (2010, p. 28) mostram também a variação morfológica, um exemplo abordado pelos autores é a “alternância entre os pronomes “tu” e “você” ou entre “nós” e “a gente”.” Esses exemplos de variação citados pelos autores esclarecem que a variação linguística é muito presente na vida dos indivíduos e acontece com pessoas de diversas classes sociais, isso dependerá do meio em que vive cada falante. Um falante soteropolitano, por exemplo, na maioria das vezes, faz uso do “você” independente de classe social, mesmo os que moram nas comunidades mais letradas. Muitas vezes, usam “você”, enquanto que um baiano do interior usa o pronome “tu” e, na maioria das vezes, sem concordância.

Coelho (2003, p. 59) aborda um conceito interessante em relação a variação morfológica:

A variação parece atingir um morfema e depois um fonema ou um fonema e depois um morfema. Quando está só no âmbito do fonema temos uma variação fonológica, mas quando vai também para o âmbito do morfema, que variação encontramos aí? Morfológica? Talvez fosse mais interessante dizer que, nesses casos, o que temos é uma variação morfofonológica – uma vez que os morfemas que caem são também fonemas.

Coelho (2003) mostra que as variações morfológicas algumas vezes acontecem na perda ou ganho de determinados morfemas das palavras, sem alteração no sentido que a palavra representa num dado contexto.

#### 3.1.4 Variação sintática

Variação sintática está relacionada a variação que ocorre nas falas das pessoas em relação às disposições das palavras nas frases orais e que, também, acontecem na escrita. Sabemos que toda língua tem sua estrutura e suas regras gramaticais, mas nem sempre é seguida estas ordens e na maioria das vezes não há concordância em nossas falas, porém isto não fará com que deixemos de entender o sentido das frases num dado contexto.

Ainda podemos presenciar na nossa língua, construções como: “Eu vi-o na praia” / “ Eu o vi na práia”. Por isso podemos observar inúmeras variações sintática, a ênclise e próclise são exemplos destas variações. Estas variações, na maioria das vezes, são muito estigmatizadas, mesmo as pessoas que não conseguem usar estas construções de acordo com a gramática normativa, ainda criticam e estigmatizam as pessoas que não adequam estas construções.

Coelho et al., (2009, p. 28) apontam alguns exemplos de variação sintática, tais como: “Construções relativas: O filme *a que* me referi é muito bom”/ “O filme *que* me referi é muito bom”/ “O filme *que* me referi *a ele* é muito bom”.

Normalmente, as pessoas mesmo sendo escolarizadas ainda fazem bastante usos dessa construção: “O filme que me referi é muito bom”. As influências externas interferem muito nas falas das pessoas. A convivência com pessoas que normalmente usam estas construções fará as pessoas usarem essa forma, pois dificilmente os indivíduos se prendem a regras gramaticais, principalmente na oralidade.

Quando se trata de escrita, as pessoas têm maior preocupação com concordância, tentam usar com coerência em relação às gramáticas normativas, porém quem tem um bom conhecimento linguístico tem dificuldade com a língua, mas as pessoas que não têm escolaridade e não conhecem as regras que regem a língua sempre irão apresentar inadequações. Porém essa falta de conhecimento, não quer dizer que o ser não tem capacidade intelectual, pois aprendemos também através da convivência, da prática, e do estudo.

## 3.2 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

### 3.2.1 A variação diatópica

A variação diatópica pode ser definida como as diversas denominações que um mesmo objeto, coisas ou expressões recebem a depender do lugar, da região. As variações diatópicas, também, podem ser muito observadas no emprego das gírias, pois

existem expressões diferentes a depender do lugar, visto que cada grupo cria seus códigos específicos.

Podemos tomar como exemplo de variação diatópica relacionada às gírias “maconha”, que, a depender do lugar, recebe várias denominações (fininho, pacau, bagulho, baseado, entre outros). Além disso, podemos exemplificar: homem forte e corajoso na região Nordeste (cabra macho) que pode ser tratado em outra região como (touro) ou ainda valente. Assim, percebemos que as mesmas palavras ou expressões podem apresentar denominações diferentes a depender do lugar.

As variações diatópicas ou regionais, atualmente, são bastante divulgadas nas novelas, nos programas de humor; porém, muitas vezes, com um num sentido pejorativo. Desse modo, não há respeito com as variações regionais, principalmente as Nordestinas, que são bastante criticadas. Essas variações são importantes e devem ser respeitadas, assim como as demais. O fato de as variações nordestinas serem tão criticadas está associado ao contexto histórico. A região nordeste sempre é associada ao caipira, matuto que não “sabe falar” e as variações são muitas vezes associadas à origem do falante. Coelho (2010, p.76) também traz um conceito mais claro de variação diatópica. A autora afirma que:

Variação diatópica é também conhecida por regional ou, ainda, geográfica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala. É possível saber quando um falante é gaúcho, mineiro ou de um dos estados do Nordeste, por exemplo.

Beline (2011, p.122) apresenta um caso variação diatópica que é uma variação lexical na qual o mesmo cita exemplo de abóbora que com esse nome na Bahia é uma verdura muito conhecida e em São Paulo esta mesma verdura é conhecida por moranga.

Além dessas variações, podemos verificar outras que existem por diversas influencias e geralmente as variações possuem um contexto histórico muito rico.

### 3.2.1 A Variação diastrática

Pode-se definir a variação diastrática como sendo as que estão relacionadas aos grupos sociais, os grupos de estudantes, de pessoas ligadas aos tráficos, estudantes de matemática, de educação física, grupos de teatros, trabalhadores rurais. Cada grupo possui suas variações que podem servir como forma de identificação dos mesmos.

Em relação à variação social ou diastrática, a autora afirma que “relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”.(ALKIMIM, 2003, p.35).

A autora Coelho (2010, p,78) também mostra, em relação a Variação social ou diastrática a seguinte informação:

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de variação social. Os principais fatores sociais que condicionam a variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes.

Em relação ao nível socioeconômico dos indivíduos, verificamos que também interfere bastante no uso das variações, mas nem sempre condições econômicas estão relacionadas ao uso coerente da língua conforme as gramáticas normativas, mas o indivíduo independentemente de escolaridade saberá adequar suas falas aos ambientes cultos ou populares. Outros fatores importantes para o uso de variação são o sexo/gênero, a faixa etária e a profissão dos falantes, pois cada grupo apresenta variações diferentes e que é própria de cada grupo.

### 3.2.2 A variação etária

Observamos que jovens e idosos apresentam variações diferentes, como por exemplo algumas gírias como “broto” (rapaz bonito), “um pão”(rapaz bonito), que na maioria das vezes são usadas por idosos, enquanto que os jovens usam gírias como “mó gato” (homem bonito), “mulher sarada” (com o corpo bonito) é que percebemos que realmente as variações linguísticas mudam a depender da idade do falante.

Calvet (2002, p.99) mostra as variações diacrônicas que, segundo o mesmo estão relacionadas a faixa etárias dos indivíduos, as variações diacrônicas são variações que vão ocorrendo de acordo com tempo, palavras ou expressões que se usavam em determinada época e muitas vezes ainda são usadas por pessoas de determinado grupo etário. Isso nos evidencia que existem muitas diferenças as falas das pessoas, elas variam de acordo com sua faixa etária, é possível perceber que as palavras usadas por pessoas de uma idade maior, por exemplo, se 50 a 80 anos, dificilmente será as usadas pelos jovens de 18 a 25 anos. Realmente existe esta variação a qual chamamos de variação etária, justamente pelo fato de existir essas diferenças nas falas das pessoas de acordo com as idades.

Para Calvet (2003, p.102) fica evidente que:

Cada forma dos falares das pessoas corresponde a uma função social particular, as variações que aí se encontram derivam ao mesmo tempo do diatópico (como, exemplo, a utilização de uma forma local pode responder a uma função gregária, a vontade de convivência regional), do diastrático (quanto a esse ponto as primeiras pesquisas de Labov são esclarecedoras) e do diacrônico (a gíria dos adolescentes responde particularmente a uma vontade de convivência no seio da faixa etária)

Em relação à variação etária podemos verificar que existe variação própria para cada faixa de idade dos indivíduos, os adolescentes por sua vez, fazem usos de variações que dificilmente ocorrerem em um grupo etário maior, assim como as variações ocorridas nas faixas etárias maiores podem não ocorrer com adolescentes, mas pode ocorrer a depender do lugar, da região e da convivência do jovem.

### 3.2.3 A variação estilística

A variação estilística trata do modo como o falante se expressa mais ou menos formal ou informal. Essa variação dependerá do contexto de fala do falante, há uma diferença numa conversa, por exemplo, de uma entrevista de emprego em que, normalmente, não são usadas palavras ou expressões como as gírias. Deve existir uma linguagem adequada para cada ambiente que se encontra o falante.

Um exemplo de variação estilística é a linguagem formal ou informal usada no dia a dia para se comunicarem com pessoas a depender do ambiente. Em uma conversa formal com advogados, juízes, pastores, por exemplo, certamente, não será usada a mesma linguagem numa conversa informal com amigos. Até mesmo os jovens que se comunicam através de gírias, saberá usar a gíria adequada aos ambientes, mais ou menos formal.

Logo, é preciso saber como se expressar na oralidade, na escrita e em quaisquer ambientes em que se encontra o indivíduo. Essa variação é estilística que está relacionada aos contextos formal ou informal do uso da linguagem.

A variação estilística corresponde a situações diferentes de interação social, marcada pelo grau maior ou menor de formalidade e de intimidade entre os interlocutores e podem ser inclusive ser pronunciado pelo mesmo indivíduo em situações diferentes. Os exemplos desta variação são os enunciados, “Queiram se sentar, por favor e vamo sentano aí, galera” (BAGNO 2007, P.40)

A variação estilística está associada ao grau de formalidade das falas dos indivíduos, que, muitas vezes, não depende de escolaridade, e classe social, pois qualquer pessoa sem nenhuma escolaridade ao ter que falar com uma autoridade, saberá que não fará uso de gírias, por exemplo, ou alguma palavra de baixo calão e quando tem que usar para exemplificar algo, com certeza, pedirá licença. Faz-se necessário que saibamos adequar nossas variações aos ambientes.

#### 3.2.4 A variação Diagenérica

Esse tipo de variação depende do gênero do falante. O falante masculino, na maioria das vezes, normalmente, costuma usar palavras diferentes das usadas por pessoas do sexo feminino a depender do contexto da fala do falante. Cada indivíduo procura usar as palavras ligadas a suas vivências. Às pessoas do sexo feminino usam palavras ligadas ao universo feminino, enquanto que o masculino irá usar uma linguagem

ligada a seu gênero, assim percebe-se que há variação na linguagem masculina e feminina. Logo, essa variação será chamada variação diagenérica.

Existem variações que são próprias de cada gênero, por exemplo, quando procuramos saber nomes dados para determinada ferramenta eletrônica ou utensílios de casa por exemplo, “interruptores elétricos” ou algo deste tipo, o gênero masculino, na maioria das vezes, saberá informar mais variações neste sentido, enquanto que se procurarmos saber nomes de flores, calcinhas (calçola, tanga, etc.), as mulheres poderão apresentar mais variação, porque essas variações são do universo feminino. Assim, as variações diagenéricas correspondem às variações apresentadas de acordo com o gênero/ sexo dos indivíduos.

Avelino e Bueno (2009 apud PAIVA, 2004) mostram que “Os fenômenos linguísticos mais evidentes na fala de homens e mulheres se situam no plano lexical, em que certas palavras soam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher”. Por isso, algumas variações são mais ou menos usados de acordo com o gênero como, é o caso de algumas gírias “tipo assim” (desse modo) e palavras no diminutivo, que são mais frequentes no gênero feminino, enquanto que “tá ligado?” (Está observando?) é mais usado por homens.

Para Avelino e Bueno (2009, p. 11-12) discute em relação as variações diagenéricas, mostrando que:

Na dimensão social da variação e da mudança linguística não se pode ignorar que o gênero do falante está correlacionado ao uso de uma determinada variante linguística, em que é comum, por exemplo, as mulheres fazerem uso de palavras na forma diminutiva, o que ficaria um tanto estranho na fala de um homem.

Por outro lado, as mudanças são frequentes na linguagem, principalmente na fala dos homens, pois eles conduzem ao aparecimento de novas formas na língua, ou seja, são inovadores, já as mulheres são mais conservadoras e, acredita-se que tal conservadorismo é justamente o que a sociedade espera com relação ao comportamento linguístico de uma dama.

Conforme as autoras, o fato de as mulheres serem mais conservadoras justifica as variações aparecerem com maior frequência e variedades no gênero masculino, pois as mulheres são mais preocupadas com as avaliações linguísticas. Existem gírias, por

exemplo, que são típicas do gênero masculino, embora muitas mulheres, atualmente, estejam fazendo uso constante de palavras do universo masculino.

Desse modo, é importante compreender que as variações linguísticas estão presentes na linguagem das pessoas e deve ser respeitada, pois elas acontecem independente, do grau de conhecimento e poder aquisitivo do indivíduo.

#### 4 AS GÍRIAS E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Segundo Patriota (2009, p. 14), “a gíria é uma variedade típica da língua oral e historicamente sempre esteve associada aos grupos marginalizados da sociedade”, por isso essa variação é estigmatizada pelas pessoas de classe e posição social mais elevadas. No entanto, pela praticidade na comunicação oral e muitas vezes expressar algo de forma reduzida, as pessoas preferem fazer uso de gírias. Desse modo, percebe-se que, atualmente, essa variedade linguística é usada por pessoas de diversas classes sociais, a diferença é que algumas pessoas sabem adequar as gírias aos ambientes em que se encontram.

Patriota (2009, p. 8), apresenta uma discussão acerca das gírias e afirma que:

A mesma se trata de uma variedade linguística que surgiu como um tipo de linguagem fechada, criptológica com o passar do tempo vulgariza-se, rompendo seu isolamento e exclusão e invadindo a sociedade em geral, que na maioria das vezes faz uso inconsciente dela. A gíria é uma variação usada por todos falantes, independente de posição social, condições econômicas, religião ou idade, porém algumas pessoas afirmam não usar esta variedade linguística, por se tratar de uma linguagem estigmatizada.

As gírias estão mudando sempre e as usadas na década de 70 e 80 do século XX, por exemplo, não são as mesmas de hoje. Os adolescentes e jovens estão cada vez mais usando gírias, principalmente, quando se trata de grupo de escolas, festas que são espaços mais frequentados por pessoas nessa faixa etária. Patriota (2009) trás uma discussão acerca desse assunto, mostrando que a gíria é um fenômeno que tem cada vez

mais invadido a sociedade em seus mais diversos segmentos e níveis, constituindo uma forma particular de expressão, sendo amplamente relacionada aos jovens e aos seus grupos interacionais.

Já que as gírias é uma variação estigmatizada, as escolas procuram ensinar a norma culta, deixando-as muitas vezes de lado. Desse modo, as escolas que ensinam dessa forma, pecam por não mostrar aos alunos, principalmente do ensino fundamental e médio, que as gírias são formas de expressão que não devem ser usadas em determinados ambientes. É de fundamental importância que a escola mostre as variedades linguísticas e a linguagem que está no cotidiano do aluno de forma que eles possam saber adequá-las aos ambientes que frequentam.

Conforme Patriota (2009, p.15):

A escola estaria formando alunos competentes, que saberia dominar a língua nos seus mais variados estilos, conhecendo suas inúmeras variações e preparando para dar “roupagem” a devida língua que usa, de acordo com a situação real de interação que estiver vivenciando.

Pensando na formação dos alunos, a escola vem preparando os estudantes para competir com o mercado de trabalho, que é cada vez mais exigente e seleciona pessoas que têm conhecimentos e saibam adequá-los à realidade na qual está inserido. Não cabe mais à escola só ficar presa apenas a gramática normativa, o que está “correto ou não” na língua, mas saber respeitar as variações.

#### 4.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS ESTUDOS DAS GÍRIAS

Desde o século XV, estudiosos já pensavam em pesquisas sobre as gírias, contudo, não existem documentos teóricos que esclarece isso pelo fato de que se trata de uma linguagem oral como mostra Patriota (2009, p. 32): “a gíria não deixa à disposição dos estudiosos documentos que datem com precisão seu surgimento, porém muitos povos apresentam indícios da sua presença na sociedade”. Logo, os primeiros estudos foram ligados ao léxico. Essa escassez de materiais relacionados a este tema é evidente e isto foi percebido pela dificuldade da autora desta monografia de encontrar

teóricos que escrevem sobre este tema tão presente na vida de praticamente todos falantes.

Sobre os primeiros estudos ligados às gírias podemos destacar, de acordo com Preti (2004, p. 200 apud PATRIOTA, 2009, p. 33):

Os primeiros estudos sobre gíria foram baseados em documentos que apresentavam essa variedade e que datam o século XV, na França- o chamado *argot*. Primeiramente, foram os mascates, comerciantes ambulantes que, na idade média criaram uma espécie de código secreto de identificação, que se espalhou entre os grupos devido às atividades de comércio.

Nos primeiros estudos, ao pesquisar códigos secretos, já se verificava que tal indicador se tratava de gírias. Na verdade, muitas gírias são praticamente um código, pois se o indivíduo não consegue identificar o contexto dificilmente saberá o significado de determinadas gírias, como, por exemplo, as gírias usadas por alguns jovens “dar migué” (Falar algo que não era para ser falado), “Zoar” ou “Zoeira” (Fazer bagunça, ou em outro contexto, falar brincando). O chamado *argot* ou gíria no português brasileiro foi se destacando após o estudo francês no século XV já começa a surgir teóricos e sociolinguístas discutindo esta temática.

Assim, foi possível perceber que antes do século XV, não houve estudos oficiais relacionados às gírias, mas Patriota (2009, p. 33) aponta que “os primeiros documentos com gírias, na Itália, estes ligados aos dialetos da Península”. Através do estudo de Patriota (2009), observa que, desde o século XV, surgem os estudos iniciais a respeito das gírias, sendo esta uma forma de expressão, códigos usados que, na maioria das vezes, facilitava a comunicação entre as pessoas que tinham conhecimento a respeito da gíria usada.

Preti (2004, p. 72 apud MORAIS, 2010, p. 66) mostra que:

Nas três últimas décadas de nosso século, o maior intercâmbio cultural e linguístico, resultante, principalmente, da exportação além-mar da novela de televisão brasileira, favoreceu o aparecimento de vocábulos gírios brasileiros em Portugal, apesar da pronta reação dos intelectuais portugueses, muito mais ciosos da unidade linguísticas do que os brasileiros.

Assim percebemos, atualmente, que muitas pessoas já estão preocupadas em pesquisar a gírias, porém ainda há uma carência muito grande de pesquisa deste tema tão importante para uma sociedade que muda a todo instante e preza pela valorização da variação linguística, e os estudos da sociolinguística tem contribuído para isto como mostra Preti (2000):

O fato de se terem desenvolvido muito, nas últimas décadas, os estudos sobre a língua falada, em especial com as contribuições da Análise do Discurso, da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional, contribuiu decisivamente para aguçar o interesse dos linguistas pelo estudo da gíria. (PRETI, 2000, p.57)

Assim, verifica-se que os estudos iniciais por essas correntes foram essenciais para que se aprimorasse o estudo sociolinguístico das gírias. Ao investigar o léxico ou o vocábulo das gírias, surge a necessidade e preocupação de saber sua origem, sua história e quem são realmente os falantes desses vocábulos. Desse modo, é comprovado que todas as pessoas falam gírias, porém é uma linguagem usada pela maioria dos jovens.

Logo, comprovamos, de acordo com Preti (2004, p.72 apud MORAIS, 2010, p. 65), que “o estudo das gírias começa a ganhar projeção dentro dos estudos do léxico da língua, porque é inegável a expansão desse vocabulário, em nossa época, notadamente no meio urbano. ” Desse modo, é evidente que, no Brasil, o surgimento de gírias e de estudos sobre a mesma teve influência de outros países já que os primeiros estudos sobre gírias não foi iniciado no Brasil”. Bem como, o Brasil também influenciou os estudos de gírias em Portugal, como podemos evidenciar isto conforme estudos de Patriota (2009, p. 33-34):

O fator, no entanto, que contribuiu em larga escala para o estudo sobre gíria naquele país [Portugal] foi o intercâmbio cultural linguístico ocorrido nas três últimas décadas do século XX, resultante das exportações das novelas brasileiras para Portugal. Esse fato favoreceu o aparecimento de muitas gírias brasileiras no falar português.

Patriota (2009) afirma que a exportação das novelas brasileiras para Portugal, favoreceu bastante para o surgimento das gírias brasileiras no falar português. Porém o uso dessa variação não foi bem aceita pelos intelectuais portugueses. Isso se deve ao

fato de essa variação não ser tão prestigiada quanto o vocabulário da norma padrão, o considerado de prestígio pela sociedade.

Preti (2004, p.72 apud MORAIS 2010, p. 66) também mostra que:

Antes do século XIX e, mais propriamente, de suas últimas décadas, havia poucos vestígios de gírias em documentos escritos, cabendo lembrar a poesia satírica de Gregório de Matos, no século XVII. Ainda assim, com um número limitado de exemplos, uma vez que devemos distinguir entre os vocábulos eróticos e obscenos, mais frequentes em sua obra, e a gíria propriamente dita.

Nesse período, ainda não havia um estudo eficaz sobre a gíria pautado em teóricos ligados à sociolinguística, mas as pesquisas relacionadas ao vocabulário gírio foram de grande importância para o avanço que temos atualmente neste estudo. Foi somente na metade do século XIX, e início do século XX que surgiram estudos significativos sobre as gírias.

Com o crescimento das cidades brasileiras a partir dos fins do século XIX, a gíria foi cada vez mais se expandindo, e o teatro passa a adquirir essa linguagem, que também é mostrada na prosa naturalista representada por Aluísio Azevedo, com o romance *O cortiço* (PATRIOTA, 2009). Assim, percebe-se que alguns escritores, por exemplo, já começam a dar importância à gíria, uma vez que já se percebe em suas obras esse tipo de linguagem para caracterizar certas personagens, como na obra *O Cortiço*, em que as gírias são bem explícitas. Desde esta obra, as gírias passam a aparecer em outras obras, telenovelas e, até mesmo em textos jornalísticos, como já percebemos atualmente. Assim, percebemos, que atualmente, houve grande crescimento do uso de gírias no século XXI, porém as pessoas ainda precisam adequar esta linguagem aos ambientes.

#### 4.1.1 Dois estudos recentes sobre gírias no português brasileiro

Nesta seção será feita a análise de dois trabalhos sobre as gírias que foram de grande importância para esta monografia.

Para realizar este trabalho, analisamos a tese de Corrêa (2008), intitulada *Gíria: O Universo Linguístico de Adolescentes Infratores do Paraná*. O principal objetivo do trabalho é estudar a linguagem gíria utilizada por adolescentes infratores internados em 06 (seis) Centros de Sócio-Educação do Estado do Paraná, dois em cada uma dessas cidades: Curitiba, Londrina e Foz do Iguaçu. O autor se baseou nos princípios teóricos Sociolinguística, levando em conta o léxico, ou seja, levando em conta a linguagem usada pelos adolescentes pesquisados. Para realizar o trabalho, o autor, por meio de entrevistas, selecionou adolescentes de treze a dezoito anos do sexo masculino, entre os acusados ou comprovados cometimentos de atos infracionais. Assim, foram selecionados 30 (trinta) adolescente de cada categoria e logo selecionados 10 (dez) adolescentes de cada Centro de Sócio-Educação das cidades pesquisadas. Os principais resultados encontrados por Corrêa (2008) indicam que as gírias são comuns na linguagem de jovens, pois agiliza a comunicação, autor constatou também que as gírias possuem grau simbólico e há uma forte relação entre a linguagem gíria e os adolescentes pesquisados. Ficou constatado também, que o processo de criação gírios, invariavelmente, segue o padrão dos processos lexicais de sua língua base, em nosso caso, a língua portuguesa. Os processos identificados na formação a gíria, pelo autor na pesquisa foram derivação, composição, abreviação vocabular, neologismo semântico e estrangeirismo. Por fim, o autor constatou que o estudo sobre a linguagem gíria utilizado por adolescentes como forma de demarcação de sua origem, sua cultura sua posição social e econômica na sociedade.

Outro trabalho também analisado para esta monografia foi o de Rômulo Felipe da Silva (2009), intitulado: *Tá ligado? Uso e sentido da gíria entre estudantes do ensino médio*. O objetivo do autor é pesquisar o emprego da gíria entre estudantes do ensino médio numa escola privada na cidade do Recife. O autor parte do pressuposto do aspecto criptológico do uso da gíria, como uma variação linguística representativa de uma identidade de grupo social por faixa etária, em oposição ao grupo de adultos.

Ainda segundo Silva (2009), a identidade do adolescente se configura igualmente através da sua linguagem. Para a pesquisa, o autor realizou 12 entrevistas semidiretas,

com estudantes de ambos os sexos, na faixa etária de 16 a 18 anos de idade, gravadas por meio eletrônico, em um colégio da rede particular de ensino. Através de uma análise de conteúdo, o autor realizou um levantamento das gírias empregadas pelos estudantes, por sexo, uma investigação do significado dos respectivos usos entre os sujeitos no cotidiano escolar e extraescolar. O mesmo também procurou identificar o contexto de uso da gíria no ambiente sociocultural do aluno, envolvendo situações como intervalo de aula, estar na sala de aula sem o professor, estar no shopping, nas praias, entre outros. Com a pesquisa, pretendeu suscitar contribuições para a reflexão e a percepção quanto ao uso das gírias e o seu contexto de ocorrência entre adolescentes.

Os principais resultados de Silva (2008) indicam que as gírias são normalmente usadas pelos adolescentes, sendo o uso mais frequente nos bairros mais afastado do centro. Foi constatado, também, que as gírias servem para favorecer a interação entre os falantes e, ao mesmo tempo, é uma ferramenta de defesa, de identidade grupal e de posição social ou econômica dos indivíduos. Logo, os adolescentes revelam em sua linguagem, fatores extralinguísticos que podem se originar na esfera social, cultural e econômica da qual ele faz parte.

#### 4.2 AS GÍRIAS E A VARIAÇÃO EM NÍVEL LEXICAL

As gírias são outras formas de referir-se a determinado assunto ou objeto. As palavras possuem diversos sentidos e esses sentidos variam a depender do local, da idade e de quem está falando. As palavras são representações do pensamento e podem ser expressas de formas diferentes, possuindo também sentidos desiguais para cada expressão. Esses sentidos que as palavras apresentam dizem respeito ao léxico, e a gíria é uma linguagem que está em constante evolução e fortemente atrelada ao léxico.

A gíria, conforme sabemos, pode não estar ausente dos dicionários de língua (principalmente dos mais modernos). Essa variante lexical, em geral, é ligada a situações de comunicação menos formais ou a interlocutores menos cultos, razão pela qual os vocábulos gírios, frequentemente, vêm rotulados com outras rubricas, como vulgar, popular etc .(PRETI, 2000, p. 64).

O fato de as gírias estarem rotuladas como vulgar é porque esta linguagem sempre foi estigmatizada por ser fortemente usada, na maioria das vezes, por pessoas com pouca escolaridade e nível econômico baixo; porém essa ideia vai de encontro ao que mostra a Sociolinguística, que estuda a língua como é falada em situações de comunicação formal ou informal, propondo serem as gírias adequadas ao contexto informal. Pensando nisso, faz-se necessário entender que as gírias podem ser analisadas em duas perspectivas, como aponta Preti (2000, p. 65):

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada gíria de grupo, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. No primeiro caso, estão os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade, etc; no segundo, estão os grupos comprometidos com as drogas, com a prostituição, com o homossexualismo, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, etc.

Sendo assim, o fenômeno da gíria de grupo são aquelas usadas por grupos ligados à música, à dança, às diversões, à universidade, aos esportes, ao mundo do crime das atividades ditas ilícitas, enquanto que o fenômeno da gíria comum é quando esta linguagem gíria deixa de ser vulgar e passa a ser usada no cotidiano de muitas pessoas, não mais como um signo de determinado grupo e sim como uma variação sem intenções. Como é o caso do fenômeno da gíria comum: “tô comendo teus coentros”, que significa dizer que (não está acreditando no que você está falando), que é diferente da gíria de grupo “ ele é nóia” que quer dizer (ele é viciado em drogas) e, certamente, quem sabe o significado desta expressão, na maioria das vezes, são jovens ligados direta ou indiretamente às pessoas de determinados grupos restritos.

A gíria hoje em dia é usada por grande parte da população e muitas vezes já está sendo encontrada no vocabulário de jornais e outros meios de comunicação, mas existe a linguagem adequada na comunicação para cada grupo de pessoas, seja jovem, idosos, etc. Porém, para que seja estabelecida a comunicação, deve haver entendimento do que foi dito, nesse sentido existe as gírias grupais, as usadas de acordo com profissões,

idades e as gírias locais que só serão compreendidas com pessoas pertencentes ao mesmo grupo e a gíria comum como mostrou Preti (2000).

Na maioria das vezes, as pessoas costumam associar às gírias um caráter marginal. Patriota (2009, p. 37) ressalta que, no Brasil, a gíria tem uma carga negativa, que historicamente está associada à malandragem das favelas cariocas que:

Aparecem na história a partir da música popular brasileira, em meados dos anos de 1930, tendo como representante central o poeta e compositor Noel Rosa, que observa a relação entre a gíria da capital e a do morro. (PATRIOTA, 2009, p. 37).

Dessa forma, a autora evidencia que as gírias apareceram na história através da música popular brasileira, de fato a música, bem como, a mídia têm muita influência na forma como as pessoas usam a língua, principalmente os jovens, que na maioria, é fácil de se deixar levar pela moda do momento. Isso contribuiu para que surgissem também outros estudos teóricos a respeito das gírias.

Para Patriota (2009), a gíria possui um vocábulo passageiro, e surge num determinado grupo e, ao se expandir, é logo substituída, visando a manutenção do seu aspecto criptológico. Para a mesma, essa variação está sempre mudando e se adaptando a novos usos e costumes, é também identificadora, pois surge para identificar para caracterizar grupos, ligados a diversas atividades (esportiva, profissionais, musicais, marginais.). Realmente é possível identificar ao grupo, o qual a pessoa está ligado ou pertence, pela forma de falar, se faz uso de gírias, pois é impossível o falante não usar gírias, porém existe a gíria que é mais usada, por determinado grupo, os detentos, por exemplo, possuem uma gíria que é típica daquele grupo, já os adolescentes dos subúrbios e do centro da cidade usam gíria diferentes.

Assim, podemos perceber em Patriota (2009, p.39) que:

Muitos são os fatores responsáveis por esta invasão das gírias na sociedade, um deles diz respeito às crises politicoeconômicas nos grandes centros urbanos que agravam a insatisfação e agressividade, principalmente, nas camadas mais populares, que passam a refletir na linguagem esses sentimentos de revolta e conflitos, criando uma espécie de “signo de grupo” representado pelas gírias. Outro fator de expansão da gíria é o que se relaciona aos meios de comunicação de massa- televisão, rádio, jornal.[...]

Logo, compreendemos que o crescente uso de gírias e, conseqüentemente, o estudo está ligado a diversos fatores e destacaremos em relação a televisão, a linguagem usada pelas personagens das novelas que são influenciadas pela linguagem das pessoas dos meios urbanos, sobretudo das comunidades que influenciam os telespectadores. Além disso, em relação a música, percebemos que as letras são influenciadas pelas linguagens das pessoas e influenciam muitas pessoas, principalmente, os jovens e adolescentes que, na muitas vezes, são usuários de gírias. E, para se aproximar da linguagem das pessoas que mudam a todo instante, os jornais também já estão usando algumas gírias a fim de expandir as notícias e atingir todos os públicos.

#### 4.3 AS GÍRIAS E A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Da Silva (2009, p.17) apud Lavov (2008, p. 140) mostra que “variação é implícita a qualquer língua e a qualquer comunidade de fala, e acrescenta que [...] a forma de comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante.”

As pessoas costumam valorizar as variações linguísticas de acordo com seus interesses, e certamente o interesse de muitas pessoas é acompanhar as regras da gramática normativa, a maioria das pessoas estigmatizam muitas variações linguísticas, principalmente aquelas que, na maioria das vezes, são usadas por pessoas com pouca escolaridade como é o caso da variação sintática e fonética. Por muitas pessoas acreditarem que a norma padrão é mais valorizada por ter grande prestígio social, há muito preconceito das pessoas em relação às outras variações.

Por muito tempo, considerava-se que havia a “erro” nas falas das pessoas e com o tempo, foram percebendo que o que se chamava “erro” nas falas das pessoas, principalmente, com pouca escolaridade, eram outras variantes linguísticas. Isso nos mostra que com o passar do tempo, os indivíduos vão adquirindo conhecimento e aprendendo a valorizar e respeitar as variações linguísticas. No entanto, ainda existem pessoas que preferem as variantes que se aproximam da norma padrão, justamente por esta ser a de maior prestígio social.

#### 4.3.1 Atitudes sociolinguísticas

Bisnato (2007, p. 23) apresenta um conceito de atitudes linguísticas: “o Termo “atitude” faz pensar em comportamento, postura, reação ou propósito, mas antes disso, há que se considerar os fatores psicológicos, socioculturais e políticos que desencadeiam as atitudes dos falantes perante sua própria língua e a língua do outro”.

Isso nos faz pensar que as pessoas possuem livre arbítrio para saber aceitar ou não o que lhe convém em relação à linguagem; porém é conveniente pensar que aceitar ou não a linguagem do outro não está associada ao desrespeito ao próximo. Sendo assim, as pessoas devem respeitar as formas de falar dos outros, não impor sua linguagem e não desmerecer ou desvalorizar o outro pelo fato de possuir ou não uma linguagem igual à dela.

Bisnato (2007) afirma que:

Em se tratando de atitudes linguísticas, essa complexidade conceitual é aguçada pela diversidade de enfoques da questão, visto em pesquisas sociolinguísticas e etnográficas, a partir dos quais a avaliação e o comportamento dos informantes são explorados de diferentes modos.

As atitudes dos falantes em relação à linguística são, muitas vezes, favoráveis ao que convém cada um. As pessoas, por exemplo, ligadas ao candomblé, comumente, acabam deixando isto transparecer nos seus discursos e na sua escrita através da linguagem que usam. Logo, as pessoas ligadas a determinado grupo também privilegiará sua linguagem, mesmo se esforçando quando é preciso fazer uso de outra linguagem. Isso é natural do indivíduo e muitas vezes, isto é percebido em entrevista de pesquisa Sociolinguística em que o entrevistador, mesmo quando não é para interferir na linguagem ou na entrevista, acaba fazendo isto naturalmente.

Bisnato (2007, p.24) mostra que:

Não se ver controvérsia quanto ao fato de que, ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciado, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social.

O comportamento linguístico do indivíduo pode interferir em sua estrutura social, quando ele não sabe adequar sua linguagem aos ambientes que lhe convém. Um advogado, por exemplo, ao conversar com um cliente, deve usar uma linguagem adequada de forma que possa convencer ao contratante que ele é um bom defensor, sem fazer uso de linguagem gira, mas de forma que se o contratante não tiver escolaridade saiba compreender a conversa. Da mesma forma que o advogado adequou sua linguagem para falar com um cliente saberá usar conforme uma conversa com o juiz, sem desmerecer à linguagem do cliente. É esta atitude que o indivíduo deve ter em relação a linguística, saber respeitar e adequar-se para não se prejudicar e ser prejudicado pela linguagem.

Logo, Bisnato (2007) mostra que:

A atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. Assim, as avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tantas as relações de poder quanto o prestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos.

As atitudes linguísticas e a social realmente devem se complementar, pois é possível que os indivíduos saibam adequar as variações aos ambientes e às pessoas para as quais irá realizar a fala e, ao mesmo tempo, saber respeitar a variação linguística dos outros. Uma pessoa, mesmo sem escolaridade, por exemplo, saberá como se comportar em diversos contextos de fala, mas, a própria fala do indivíduo denunciará seu nível de conhecimento.

Bisnato (2007, p.24) mostra uma pesquisa de Labov (1977), que:

Ao correlacionar linguagem e sociedade em seus diversos estudos sobre variação linguística, trata das atitudes dos falantes sob vários

prismas, conferindo-lhes sempre para um papel determinante na diferenciação social da linguagem e no curso das mudanças linguísticas. Para o pesquisador americano, as atitudes podem se manifestar como uma tendência regular do sujeito ao adotar a norma de prestígio, uma auto-avaliação a respeito da norma, uma reação subjetiva de sensibilidade à norma ou um reconhecimento explícito ou um estereótipo.

A autora mostra que, ao longo de suas pesquisas, Labov aplica uma série de testes formais para detecção de atitudes linguísticas: o teste de “extração familiar”, o de “reação subjetiva”, o de “auto-avaliação”, o de “correção escolar”, etc, cada qual com uma finalidade específica de revelar um comportamento linguístico ou uma atitude social do falante.

Bisnato (2007, p. 25) também mostra um estudo de Fishman (1971), sobre o uso da língua e atitudes linguísticas de porto-riquenhos radicados em Nova Iorque, que buscou mostrar que os informantes imbuídos de fortes compromissos políticos e ideológicos são capazes de avaliar melhor seu próprio comportamento linguístico, o que demonstrou existir uma conexão entre o nível de compromisso e a atuação linguística.

O fato de as pessoas que têm compromissos políticos e ideológicos avaliarem melhor seus comportamentos linguísticos é que eles desejam atingir determinado público através de sua linguagem e, pensando nisso, irá haver uma preocupação em suas falas de forma que atinja o seu público alvo.

Bisnato (2017, p. 63) traz uma discussão sobre atitudes linguísticas mostrando que

A popularização da televisão promove o deslocamento virtual do homem, transforma-se em importante regulador da linguagem, pois, junto ao demais meios de comunicação de massa, divulga “os usos locais dos grandes centros, que se tornam repentinamente usos nacionais, num verdadeiro processo de snstandarização da língua”. Através de (Preti, 1994:50) a autora mostra que a televisão veio, dessa forma legitimar o prestígio das variedades linguísticas do Centro-Sul do país. Assim a autora mostra que são comuns atitudes de autopolicimento e autocensura dos falantes nativos em situações de comunicação verbal.

Para que possamos autocensurar nossas falas, é necessário que tenhamos consciência da forma “correta” de falar segundo as gramáticas normativas, sabendo como

identificar a forma linguística de maior prestígio social. Assim, certamente o indivíduo modificará sua linguagem.

Bisnuto (2007, p.63) aponta que:

A partir do exame dos dados disponíveis é possível dispor os aspectos às atitudes sociolinguísticas em três categorias. A primeira a autora aponta os aspectos culturais e étnicos, a segunda são as relações com o mundo exterior e a terceira são as relações com a linguagem e os processos linguísticos.

De fato, os aspectos culturais e étnicos interferem na linguagem das pessoas. Além disso, podemos perceber as relações com o mundo exterior e as influências externas, as relações que os indivíduos apresentam com a linguagem e os processos linguísticos adquiridos através dos conhecimentos escolarizados. De fato, as instituições de ensino ampliam o conhecimento e abrem visões das pessoas, mas, ainda há pessoas que permanecem com a visão histórica da linguagem, como é o caso das gírias que ainda é estigmatizada por muita gente.

Desse modo, Bisnuto (2007) inclui também:

As contradições de toda ordem trazidas pelo “processo” são a grande tônica dessa abordagem. Por fim, evidenciam-se as relações conflituosas dos nativos com sua própria linguagem e o preconceito do imigrante, a estigmatização, a pressão pela anulação da variação linguística local.

O racismo e o preconceito, muitas vezes, influenciam as atitudes linguísticas de muitas pessoas em relação ao negro e ao índio, que devido às condições históricas de escravidão vividas por eles, muitos ainda creditam que negro e índio não “sabem falar” contribuindo ainda mais para o preconceito linguístico no Brasil. Infelizmente ainda há pessoas escolarizadas que têm pensamentos negativos em relação a linguagem das pessoas negras e indígenas e muitas vezes os próprios têm preconceito de sua linguagem

#### 4.3.2 As gírias e a avaliação social

A seção anterior falou sobre o que as pessoas acham das falas das pessoas em deferentes contextos, de forma geral. Nesta seção será abordada a avaliação que as pessoas fazem das gírias pensando no preconceito linguístico histórico em relação a esta temática.

Para Patriota (2009)

A gíria é uma variedade linguística que apresenta forte teor de coesão e é formadora de comportamento, principalmente, de adolescentes e jovens. As gírias são repletas de significados e expressividade, porém ainda são vistas por muitos membros da sociedade como deturpação, degeneração, degradação do padrão de língua estabelecido como culto da língua: da gramática normativa. Devido ao fato da norma padrão, ser a “correta” para a gramática normativa por empregar corretamente as palavras no texto, e usar uma linguagem formal é que há por essa norma uma desvalorização das gírias, que se preocupa apenas com a expressão deixando de lado a formalidade.

As gírias são desprestigiadas por grande parte da sociedade; muita gente acredita que quem faz uso de gírias são pessoas de más índoles. No entanto, pessoas de todas épocas e classes sociais fazem uso, a diferença é que existe a gírias mais vulgares. Ela serve também como um meio de outo afirmação da identidade de determinado grupo social que defende sua forma de falar, sua comunidade, uma vez que vai contra as regras da língua falada imposta pela sociedade letrada, e como protesto contra as demais regras desta mesma sociedade.

Observamos também que o uso das gírias em determinados grupos serve para a exaltação de sua cultura ou como protesto como podemos ver na pesquisa de Morais (2015, p. 72):

Identificando-se pela linguagem, um pequeno grupo pode defender-se da grande comunidade, pelo próprio desprezo que ela vota. Observa-se, nesse sentido, a natural oposição do jovem, que insiste em falar a sua gíria, mesmo com um interlocutor de maior formalidade e de linguagem convencional, mantendo zelosamente seu signo de grupo.

Assim, podemos perceber que a fala tem grande interferência na língua dos indivíduos e a linguagem que usamos deve adequar-se ao contexto de fala. Mas nem todas as pessoas conseguem fazer esta adequação, uma pessoa, por exemplo, que se comunica tempo inteiro com outras pessoas que usam muitas gírias, ao entrar em contato com outra pessoa, sendo necessário, um contexto formal, por mais que consiga ser formal, a sua linguagem, no caso da gíria irá aparecer, já que esta é o vernáculo daquele indivíduo, pois é a linguagem que ele usa no seu dia-a-dia. Ou há situações em que os indivíduos preferem usar a gíria como marcação de pertencimento a determinado lugar independente do contexto, mesmo as que conseguem atingir um alto grau de escolaridade usa a linguagem para reforçar sua origem, a da comunidade, por exemplo, que é tão discriminada ainda.

Assim, a gíria de grupo é usada por grupos sociais fechados e restritos, que possui caráter criptográfico, ou seja, é uma linguagem através de códigos que na maioria das vezes não é entendida por pessoas que não pertencem aquele grupo. Os falantes ao usarem gírias sentem-se mais valorizados no seu grupo, e até mesmo superiores, isto os diferenciara no grupo colaborando para o processo de autoafirmação do indivíduo.

Patriota (2009, p. 41) mostra que:

Não só aos alunos, mas também um instrumento utilizado pelo professor, como forma de interagir, as gírias, desde seus primórdios, estão relacionadas a algo que é negativo, ao que é marginal na sociedade. Mas a força do uso, da realização concreta na língua, tem mostrado que esse vocábulo tem, cada vez mais, se disseminado na sociedade, chegando, inclusive, a escola, como um recurso não mais ligado apenas com o aluno, estimulando a sua aprendizagem, tornando mais simétrica uma relação por si só bastante assimétrica.

Desse modo, percebe-se que não dá mais para continuar agindo como se existisse variação melhor ou pior que outra. É de fundamental importância que as pessoas passem a compreender que a gíria é uma variação e a mesma só precisa ser adequada ao contexto, formal ou informal.

Apesar da importância que têm as gramáticas normativas e a norma-padrão, atualmente muitas pessoas já estão fazendo uso de outras variedades em jornais escritos

e *blogs*, por exemplo. Algumas notícias já estão usando registros informais para se aproximar do leitor. Assim, observamos que realmente há uma ruptura com a tradição gramatical, principalmente referente ao espaço da variedade padrão, porém a que prevalece é a norma culta, como podemos verificar até mesmos nas redações que são cobradas em provas de vestibulares.

Embora muitas pessoas considerarem que os principais usuários da gíria sejam os excluídos da sociedade. A gíria é usada por todas as pessoas dos diversos segmentos. É perceptível que a gíria usada pelas comunidades menos favorecidas são consideradas gírias feias ou fortes. Por isso, devem ser evitadas, pois tem uma representação ruim, levando em conta a norma padrão, por ser uma linguagem usual de pessoas sem ou com pouca escolaridade. No entanto, atualmente, a gíria já está presente em diversos meios, na música, literatura e nas escolas.

Atualmente, muitos jornais populares fazem uso de gírias a fim de aproximar os textos da linguagem oral e tornar-se mais acessível ao leitor, porém alguns textos possuem gírias de forma quase imperceptível que não fica evidente por leitores. Alguns programas de televisão, como por exemplo, *Malhação*, propaga de forma muito visível o uso de gírias que, de alguma maneira, influenciam bastante aos telespectadores. Nos programas de rádios, também, são usadas bastante gírias, ainda mais que programas de rádios, geralmente, são ouvidos por jovens, neste caso, o objetivo deste meio de comunicação é atingir este público alvo através da linguagem que usa. Assim como os programas de rádios, as músicas populares de diferentes ritmos têm, a cada dia, ganhado mais espaço em nossa sociedade e, de certa forma, também influencia na linguagem dos jovens. Apesar de fazer uso diariamente de gírias, muitas pessoas ainda, tendem a menosprezar a linguagem gíria, por questões históricas

Portanto, a avaliação social negativa que fazemos das gírias está ligada à sua origem e ao fato dessa linguagem gíria não fazer parte do que prega a norma padrão da língua. Quando os indivíduos já passam a fazer uma avaliação social positiva da linguagem gíria, isto mostra que as pessoas já estão acompanhando a evolução da língua e evoluindo com ela, deixando preconceitos e percebendo que a comunicação prevalece entre norma padrão ou popular.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção tem como finalidade apresentar o percurso metodológico que foi usado no desenvolvimento desta pesquisa, por meio da qual se objetivou observar o conceito que grupos etários diferentes têm sobre o uso de gírias.

A abordagem desta pesquisa é o de campo e tem por objetivo coletar dados de uma população ou determinado grupo social, objeto, etc. Na pesquisa de campo, houve a participação direta do pesquisador, pois o pesquisador na área da sociolinguística precisa participar diretamente da interação com os sujeitos. Segundo Tarallo (2004 p. 20) “A participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica”. Nessa participação direta foi elaborada pela pesquisadora roteiros de perguntas que serviram como guia de entrevista para a pesquisa.

O pesquisador precisa buscar métodos para minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador e dos seus instrumentos de trabalho ( TARALLO, 2004). A entrevista pode deixar os sujeitos inibidos. Para que isso não acontecesse, foram criadas estratégias de situações mais espontâneas onde o participante ficou mais à vontade esquecendo-se de normas e padrões linguísticos.

Para a realização da pesquisa, primeiramente, elaboramos uma ficha de consentimento do informante, em seguida, os questionários, os quais atenderiam nosso objetivo com o trabalho e logo após elaboramos, também, a ficha do informante que será de grande importância para as análises dos dados.

### 5.1 A COMUNIDADE: BREVE HISTÓRIA DA CIDADE DE MUTUÍPE-BA

Levando em conta que essa pesquisa foi feita em Mutuípe, vale a pena situar um pouco sobre sua história. Segundo Rebouças (1983, p. 9) do Município de Mutuípe:

No começo do século XX, de uma aldeia de Cariri, formou-se um arraial que recebeu denominação de “MUTUM”, devido à abundância de ave do mesmo nome. Esse povoado, dada razões várias, sobretudo pela fertilidade da terra, logo desenvolveu. Razão pela qual, fez jus a ser a sede do Distrito de Paz do Riacho da Cruz, em virtude da Lei nº 778, 30 de setembro de 1910. (...) mudou este nome para Mutum.

Segundo moradores antigos, o antigo nome Mutum foi realmente dado à cidade devido à grande quantidade de pássaros presentes na região com este nome. Atualmente, a ave se encontra em extinção no Município.

Segundo Rebouças (1922, p.16), na área hoje chamada Mutuípe registrava-se:

A existência de índios e um deles, já velho, aquele que, tendo sido encontrado por viajantes no ano de 1849, contara-lhes, mais tarde, que vendera aquelas terras do Vale do Jequiriçá a um Senhor de nome Manoel João da Rocha, recebendo como pagamento uma espingarda “Lazarina”, vísceras de um boi e 9\$000 em dinheiro. Isso já por volta do ano 1860.

Esta história ainda é contada por muitos moradores antigos de Mutuípe para comprovar os fatos históricos registrados em livros, tais como Rebouças (1992) que se encontram presente na “Casa da cultura de Mutuípe”, pequeno Museu do Município onde podemos encontrar objetos e registros sobre o povo antepassado, cultura e objetos.

Ainda para reforçar sobre a origem de Mutuípe, Rebouças (1992, p.17-16) mostra que:

A área adquirida pelo sr. Manoel João da Rocha foi por ele passada em nome de sua filha Ana Joaquina que se casou com Luiz Caetano de Andrade. Mais tarde, quando ela faleceu, coube a herança a três filhas Marcolina, Reinalda e Ludovina (...) a parte da terra que coube a Ludovina que fora transformada em uma fazenda à qual deram o nome Mutum, pelo fato de encontrarem no local uma grande quantidade de ave Mutum (Crax alector).

Além da grande quantidade de pássaros Mutum na região, o território também era ocupado por índios, que ainda viviam na região. O território era composto por uma vasta quantidade de vegetação e, aos poucos, povoado pelos brancos, e desaparecendo

totalmente os índios da região, como podemos observar na imagem 1, Mutuípe em formação.

**Figura 1 - Registro Fotográfico I: Formação de Mutuípe Ba.**



Fonte: Mutuípe.com

A figura 1 mostra Mutuípe já se desenvolvendo. Em 1849, Manoel João da Rocha, juntamente com outros pioneiros, chegou ao local onde hoje está situada a sede do Município, iniciando derrubadas e entregando-se ao cultivo da terra.

Rebouças (1922, p.19-20) mostra que “no início do ano de 1905, Mutuípe já começava a se desenvolver com a chegada da “Ponta de Trilhos” da estrada de ferro “Tram Road” de Nazaré”, (...) “que dava destino a cidade de Jequié e passava em Mutuípe.” Assim, foi possível perceber um grande desenvolvimento na cidade e no Município foi de grande importância para sua emancipação política, social e cultural.

Ainda de acordo com Rebouças (1922):

A Estrada de Ferro contribuiria como um fator decisivo e preponderante ao crescimento do Povoado, concorrendo para impulsionar todo o progresso da região. Registrou-se maior

movimentação de pessoas em trânsito, fosses engenheiros, operários e curiosos.

**Figura 2 - Registro Fotográfico II: Estação Ferroviária de Mutuípe Ba.**



Fonte: Mutuipe.com

Ainda podemos comprovar isto em *blogs* e *sites* atuais do Município como: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/mutuipe/historico>.

Com a chegada dos trilhos da “Train Road de Nazaré”, a 29 de janeiro de 1905, no seu avanço para o sudoeste baiano até Jequié. Promovendo não só o transporte de pessoas, mas também o escoamento da produção cafeeira do vale e a sua integração com as outras localidades, ligando o Município ao porto fluvial de Nazaré, e principais centros regionais, teve início uma nova fase de progresso.

A Ferrovia veio a ser desativada em 1970, quando já não fazia parte do plano de desenvolvimento do país o transporte ferroviário (Figura 2).

Depois de quatro décadas de abandono, os trens regionais voltaram à pauta dos governos estaduais e federal. Atualmente, está em estudo pelo poder público a construção de 21 ramais ferroviários para passageiros. Caso todos os projetos planejados no Brasil saiam do papel no prazo previsto, o País pode ganhar 3.334 km de trilhos para transporte em 14 Estados até 2020.

**Figura 3- Registro Fotográfico II.**



Fonte: [historiamutuipe.blogspot.com.br/](http://historiamutuipe.blogspot.com.br/)

A Figura 3 também mostra Mutuípe já povoada por moradores brancos, mas ainda pouco desenvolvida. A fotografia retrata uma ponte Rio Jequiriçá que corre na cidade.

**Figura 4- Registro Fotográfico IV: No Ano de 1926 a Praça Gões Calmon, Mutuípe-Ba.**



Fonte: Casa da cultura de Mutuípe

Na Figura 4, já percebemos que Mutuípe já tinha um crescimento considerável, mas a maioria da população ainda vivia no campo, a cidade começava apenas se desenvolver.

Rebouças (1992, p. 1001) mostra que:

A partir daí, com o aumento de pessoas que fazem a população flutuante, e ainda pessoas a proximidade, esse comércio vai crescendo, vai aumentando a diversidade e produtos comerciáveis e, em véspera de feira semanal, nesse dia que a pessoa se abastece para o transcurso da semana, dá –se um consistente de movimentação e volume de lucros.

O desenvolvimento da cidade proporcionou ao povo de Mutuípe a busca pelo conhecimento e Rebouças (1992, p. 102) mostra que “o trabalhador de 1910 foi

progredindo, a cultura crescendo, chegando algumas pessoas com desejos de aprimorar-se em estudos com vista ao seu progresso intelectual e econômico. ”

Informações mostram que em 1920 foi desencadeado um movimento autonomista foi liderado pelo Dr. Bartolomeu Antero Chaves, pela emancipação político-administrativa do povoado de Mutum, como passou a ser conhecido na região. Assim, em 26 de julho de 1926 foi aprovada, na Câmara Estadual, a Lei n.º 1882, criando o Município de Mutuípe.

De acordo com Rebouças (1992, p. 39) “a posse jurídica deu-se a 12 de outubro de 1926, quando então se romperam as correntes que impediam a liberdade de ação de Mutum, contribuindo para o progresso. ”

Antes de 26 de Julho, a cidade era dependente de Jequiçá e em 12 de Outubro do mesmo ano a cidade ganha sua independência juridicamente. Isso nos lembra o Brasil que apesar de seu desenvolvimento por muito tempo foi dependente de Portugal, mas assim como Mutuípe conquistou a sonhada independência.

Segundo o quadro da divisão territorial vigente em 1º de julho de 1955, o Município de Mutuípe e composto de um único distrito. E também pertencia à Circunvizinhança de Jiquiriçá-Ba, da Comarca de Ubaíra-Ba, até 2 de Julho de 1949.

A criação da comarca com Termo Único dar-se-ia mais tarde através do Decreto-Lei n.º 16.591 de 10 de setembro de 1956, quando o governador do estado o Dr. Antonio Balbino, dando-se a instalação no dia 12 de outubro do mesmo ano.

A partir da década de 30, com a queda do café no mercado externo, houve uma forte retração na economia do vale com a transferência de capitais e concentração de terras para a criação de gado com a proibição da exportação de “café de terreiro” e do fechamento da ferrovia na década de 60, houve uma nova queda na economia.

### **Figura 5 - Cidade de Mutuípe - Ba, na atualidade**



Fonte: WWW. Mutuípe.com

Segundo cidades/ibge, com 90 anos, a cidade de Mutuípe-Ba, independente de cidades vizinhas vem em busca pelo desenvolvimento, e seu crescimento econômico ficando conhecido como a “capital do vale”, apesar de Sofrer variações do preço do cacau, a economia local é de grande importância.

O site ainda mostra que, atualmente, a prestações de serviços vêm aumentando, tanto da pessoa física como a jurídica, trazendo grande benefício para o Município como: saúde, educação, construção de Pontes, calçamentos, cobertura da feira, compras de veículos revitalização de praças, etc. Com isso, a cidade cresce no seu aspecto político social e econômico.

#### 5.1.1 Localização de Mutuípe-Ba

Para fundamentar a localização do Município, nos contamos com Wikipédia que nos trouxe grandes informações do Município de Mutuípe que está localizado no Sudeste da Bahia, na zona fisiográfica do Recôncavo Sul. E encontra-se na 29ª Região Administrativa - DIRES e DIREC com sede em Amargosa. Apresenta uma extensão territorial de 358 km, cuja sede fica a 13°14` latitude Sul e 39°30` de longitude Oeste de Greenwich.



atualmente, a estimativa da população de Mutuípe corresponde a aproximadamente 23.000 (vinte e três mil) habitantes.

Mutuípe mantém um grande fluxo de pessoas e mercadorias devido às atividades econômicas e áreas de serviços com os Municípios vizinhos tais como Amargosa e Santo Antônio de Jesus dos quais dista, respectivamente, 34 e 55 km.

Atualmente, com a vinda da Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) para Amargosa e Santo Antônio de Jesus, houve um aumento de pessoas ingressando e concluindo diversos cursos nas Universidades destas cidades, o que tem contribuído bastante para um grande aumento intelectual do povo de Mutuípe.

## 5.2 OS INFORMANTES

A escolha dos informantes foi feita, após a produção de um artigo solicitado pelo professor Dr. Gredson dos Santos, o orientador desta monografia. No artigo eu uma das questões da entrevista era qual conceito as pessoas de Mutuípe tinha de gírias e percebi que os jovens estudantes com escolaridade maior, moradores do centro afirmaram que era uma forma de linguagem, enquanto que os do subúrbio, maioria com pouca escolaridade tinha a mesma visão do grupo etário dois, sendo do centro ou da periferia não sabia o que era gíria. Para esta pesquisa procurei não entrevistar as mesmas pessoas entrevistadas no artigo, mas fez necessário dividir os grupos do centro e do subúrbio, pois apesar de muitos jovens conviverem juntos na escola e em muitos ambientes da cidade, o convívio familiar tem grande influência na aceitação ou não da gíria.

Para as entrevistas escolhemos, dois informantes do sexo masculino com faixa etária de 18 a 25 anos e duas informantes do sexo feminino da faixa etária 18 a 25 anos

também e dois homens da faixa etária de 45 anos em diante e duas mulheres também da faixa etária de 45 anos em diante, no total de quatro casais. Um casal de jovens e outro de idosos eram moradores de um bairro (Cajazeiras) mais afastado do centro da cidade e os demais, jovens e idosos moradores do Centro de Mutuípe. Os informantes foram divididos ainda em dois grupos, um do centro da cidade e outro do subúrbio de Mutuípe, pois supomos que, apesar de Mutuípe ser uma cidade muito pequena, percebe-se que o grupo etário maior é oriundo da zona rural que migraram para a cidade. O grupo etário menor, já nasceu na zona urbana da cidade. Sendo assim, o grupo etário menor, sendo a maioria estudante, é mais propício à mudança linguística e à aceitação, porém, ainda há a possibilidade de ser influenciado pelos pais e avós, independentemente de ser do subúrbio ou não. Enquanto que o grupo etário maior do centro ou não, por ser mais conservador, também faz uso de gírias, embora tenha dificuldade na aceitação. Outras hipóteses são que, todos os grupos etários consideram que as gírias são usadas por pessoas do subúrbio e, as do centro da cidade não faz uso dessa linguagem.

### 5.2.1 Moradores do subúrbio de Mutuípe

Foram, quatro moradores do subúrbio, o primeiro informante, jovem, morador do subúrbio, que é apelidado por uma gíria que segundo ele foi dada pela mãe, ainda pequeno, tem 19 anos de idade, sempre residiu nesta cidade. O informante não concluiu os estudos, está cursando o primeiro ano do Ensino fundamental II, e gosta de assistir à televisão segundo o mesmo, todos os dias e prefere assistir filmes e também ouve programas de músicas nos rádios todos os dias e costuma se divertir em bares com os amigos.

A segunda informante, também moradora do subúrbio, com 20 (vinte) anos de idade, residente todo tempo em Mutuípe, e em relação a sua escolaridade, tem o segundo grau completo. A informante afirma assistir à televisão todos os dias e seu programa

preferido são as novelas, às vezes ela também gosta de ouvir músicas em rádios. Para se divertir, a informante afirma gostar de festas dançantes.

O terceiro informante, também morador do bairro bem distante do centro de Mutuípe, tem 53 anos, juntamente com seus pais sempre foram moradores e residentes nesta cidade, é o único informante que nunca morou na zona rural. Ele estudou só a primeira série do ensino fundamental I (primário). O informante afirma que costuma assistir televisão somente às vezes, e seu programa preferido é o de notícias, os jornais. Ele também, às vezes, gosta de ouvir programas de músicas nos rádios e para se divertir ele gosta de futebol, bate baba com os amigos.

A quarta informante, do sexo feminino com 55anos de idade, sua mãe e seus pais são naturais de Mutuípe. Ela morou na zona rural há 15 (quinze) anos, mas atualmente não pensa mais em sair da cidade de Mutuípe, a informante estudou até a quarta série, mas era professora substituta da Educação infantil, quando jovem. Ela afirma que gosta de assistir televisão todos os dias, seus programas preferidos são as novelas e também ouve rádios todos os dias e seus programas preferidos são os musicais e como diversão ela costuma ficar em casa, mas ela gosta muito de festas dançantes na rua.

#### 5.2.2 Moradores do centro da cidade

Escolhemos também quatro moradores do centro de Mutuípe, que será quinto entrevistado, morador deste lugar, sexo masculino tem 22 anos de idade, sempre morou no centro da cidade, juntamente com seus pais. Ele está cursando o nono ano do ensino fundamental- Educação de Jovens e Adultos. Gosta de assistir televisão todos os dias, seus programas preferidos são as novelas e também ouve rádios todos os dias e seus programas de rádios preferidos são os musicais. Como tipo de diversões ele costuma participar de festas dançantes.

A sexta informante, do sexo feminino com 24 anos e idade, juntamente com seus pais, sempre foram moradores do centro de Mutuípe, parou seus estudos no terceiro ano no segundo grau, mas irá concluir o segundo grau no próximo ano. A informante afirma que assiste televisão todos os dias, seus programas preferidos de televisão são as novelas e às vezes ouve rádios e seus programas preferidos são as notícias de jornais e entrevistas e para se divertir ela costuma participar de festas dançantes.

O sétimo informante, do sexo masculino de 66 anos, foi criado na zona rural, mas mora há décadas no centro de Mutuípe e nunca saiu desta cidade para morar fora. O informante estudou até a sexta série do ensino fundamental II e gosta de assistir televisão todos os dias, seus programas preferidos são os de esportes e às vezes ouve rádios e costuma ouvir as notícias. Para se divertir ele costuma participar de festa de largo que segundo ele é festa de rua, carnaval, etc.

A oitava informante, com 54 anos é moradora do centro de Mutuípe, foi criada na zona rural com seus pais, mas mora em Mutuípe há décadas. Ela concluiu apenas o ensino fundamental II e nunca morou fora de Mutuípe. Ela gosta de assistir televisão todos os dias, seus programas preferidos são as novelas e ouve rádios todos os dias e costuma ouvir programas musicais. Para se divertir ele costuma conversar com os amigos em casa mesmo.

#### Quadro de informante do grupo etário 1

<b>Sexo informante</b>	<b>Idade informante</b>	<b>Oriundo da zona urbana ou rural</b>	<b>Concluiu o ensino médio ou não</b>
Masculino	19	Não	Não
Feminino	20	Não	Sim
Masculino	22	Não	Não
Feminino	24	Não	Concluindo 3º ano

Sendo assim, percebemos que no total dos oito informantes, em relação ao grupo 1, a previsão estimada seria de 18 anos a 25, mas foram entrevistados jovens de 19 a 24 anos, sendo um jovem de 20 e outro de 22 anos e uma jovem de 22 e outra de 24 anos de idade. Nenhum dos jovens, tanto do sexo masculino quanto feminino já moraram na zona rural, em relação ao nível de escolaridade. Uma jovem concluiu o ensino médio, a outra está concluindo e dos jovens pesquisados nenhum concluíram o segundo grau

### Quadro de informantes do grupo etário 2

<b>Sexo do informante grupo 2</b>	<b>Idade do informante</b>	<b>Oriundo da zona urbana ou rural</b>	<b>Concluiu o ensino médio ou não</b>
Masculino	53	Não	Incompleto
Feminino	55	Sim	Incompleto
Masculino	66	Sim	Incompleto
Feminino	54	Sim	Incompleto

Já em relação ao grupo 2 estipulamos a pesquisa com pessoas de 45 anos em diante, no entanto, foram entrevistados dois senhores um de 53 anos e outro de 66 anos e, duas senhoras, uma de 54 anos e outra de 55 anos. Assim, constatamos também, que apenas um informante nunca morou na zona rural, em relação ao nível de escolaridade, nenhum deles concluiu o ensino médio.

### 5.3 A ENTRADA EM CAMPO E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para a entrevista, os informantes foram abordados em suas casas através de uma conversa informal. Em seguida, solicitei uma entrevista e, para que os informantes não ficassem inibidos, inicialmente não falei em gravação. Após sentir que eles já estavam à vontade, informei que a entrevista seria gravada. Ao perceber que o informante concordou, tratamos de preencher os questionários prontos (FICHA DO INFORMANTE) e, após a aplicação da ficha. Todos informantes assinaram um termo, no qual davam consentimento (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO) que está em anexo, para que as entrevistas e gravações fossem usadas em fins acadêmicos. Após a leitura feita por mim dos termos, os informantes assinavam duas vias, uma ficava com eles e outra seria recolhida e em seguida iniciava as entrevistas gravadas. Além de gravadas, as entrevistas foram transcritas para a realização da pesquisa.

Houve casos de o informante consentir em ser entrevistado, mas quando ficaram sabendo que seriam gravados, desistiram das entrevistas, por isso houve alguma dificuldade na realização das entrevistas principalmente os idosos do sexo masculino, mas no geral as entrevistas ocorreram bem.

Em relação aos questionários das entrevistas, perguntamos inicialmente se os informantes usam gírias: com alternativas, a) de vez em quando; b) sim; c) não; e como justificativa as possíveis razões do sim ou não.

Na segunda questão solicitamos *exemplos de gírias*, e solicitamos que os informantes respondessem: a) qual os informantes usam? b) e, das informadas, qual não usam de jeito algum e, por fim, c) por quê não usariam as gírias? Em seguida perguntamos, o que os informantes acham das gírias, elencando respostas positivas e respostas negativas ou se não são favor nem contra ao uso das mesmas.

A terceira questão foi para sabermos *se as gírias são boas para se comunicar?* Com alternativas: a) sim; b) não e c) por quê?

A quarta questão perguntamos *o que os falantes acham das gírias*, com alternativas a) respostas positivas b) respostas negativas e c) não é favor nem contra. A quinta questão discutiremos *o que os informantes acham das falas das pessoas*: a) jovens e b) pessoas idosas. E a última questão procuramos saber *quais falantes usa mais gírias?*

Com as alternativas a) público jovem; b) públicos idosos e c) todos públicos.

As entrevistas ocorreram em um único dia, em, dois de agosto de 2017, primeiramente, fui na casa de dois casais, um de cada grupo etário do subúrbio de Mutuípe, mesmo sabendo que se tratava de uma cidade pequena e que as pessoas frequentavam os mesmos ambientes, as mesmas escolas, no caso, dos jovens, mas, ainda acreditava-se na possibilidade de que os entrevistados do centro fossem resistentes a aceitação das gírias. Em seguida, a entrevista foi feita com dois casais do centro da cidade. As pessoas tiveram dificuldade de saber o conceito de gírias, principalmente o grupo dois. Para que a entrevista viesse a acontecer primeiramente tive que dar dicas sobre gírias como, por exemplo, ao perguntar o que é gíria- “ gíria, não sei..” Então falei: -Vou mostrar um exemplo: “ quando as pessoas falam “tô ligado”, E foi respondido: -Ah! Sei é linguagem de malandro, sei”. E assim, iniciava as entrevistas, com a maioria foi assim.

Todas as entrevistas foram feitas em um único dia, pois estava com bastante pressa, pois, estava em meus planos concluir logo o trabalho naquele mês.

Para analisar os dados, foram ouvidas todas as entrevistas, transcritas e analisadas individualmente e, em seguida os resultados foram comparados com as ideias de alguns teóricos que também discutem a temática.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os objetivos do trabalho conforme apresentado na seção 2, é investigar quais conceitos dos grupos etários diferentes de Mutuípe-BA, têm sobre o uso de gírias. Além disso, quis também fazer uma discussão sobre essas práticas linguísticas, e as suas variações nos ambientes sociais. Conforme relatado na seção anterior, foram realizadas entrevistas com total dos oito informantes, em relação ao grupo 1, a previsão estimada seria de 18 anos a 25, mas foram entrevistados jovens de 19 a 24 anos, sendo um jovem de 20 e outro de 22 anos e uma jovem de 22 e outra de 24 anos de idade. Nenhum dos jovens, tanto do sexo masculino quanto feminino já moraram na zona rural, em relação ao

nível de escolaridade. Uma jovem concluiu o ensino médio, a outra está concluindo e dos jovens pesquisados nenhum concluíram o segundo grau.

Em relação ao grupo 2 estipulamos a pesquisa com pessoas de 45 anos em diante, no entanto, foram entrevistados dois senhores um de 53 anos e outro de 66 anos e, duas senhoras, uma de 54 anos e outra de 55 anos. Assim, constatamos também, que apenas um informante nunca morou na zona rural, em relação ao nível de escolaridade, nenhum deles concluiu o ensino médio. Um casal de jovem e outro de idosos eram moradores de um Bairro (Cajazeiras) mais afastado do centro da cidade e os demais, jovens e idosos moradores do Centro de Mutuípe, no total de 8 (oito) informantes. Nesta seção apresentaremos os resultados obtidos ao término deste trabalho.

De modo geral, as entrevistas permitiram observar que, conforme previa nossa hipótese, as gírias são um fenômeno estigmatizado, pois muita gente acredita que quem faz uso de gírias são pessoas de más índoles, justamente pelo fato das gírias servirem como marcação de grupo. Pudemos observar que os idosos também usam a linguagem gíria, a pesar do preconceito linguístico, mas os jovens, apesar de usarem com maior frequência, apresentam, também, estigma com as gírias.

## 6.1 Detalhamentos da análise

A primeira questão colocada aos informantes tinha o objetivo de saber se os informantes usam gírias. Esta pergunta foi elaborada com o objetivo de confirmar a nossa hipótese de que as gírias são usadas por todos falantes, embora não seja assumida por conta do preconceito linguístico das normas consideradas populares. A seguir apresentaremos a *Quadro 1*, que mostra os dados gerais obtidos. A ordem dos quadros expõe, inicialmente, os dados são os indivíduos do sexo feminino e em seguida os do sexo masculino da primeira faixa etária. Em seguida do segundo grupo:

### **Quadro 1: Emprego de gírias por falantes de Mutuípe**

Informante	De vez em quando	Sim	Não	Possíveis razões
Feminino, grupo 1				O contato com outras pessoas ajuda a usar também
Feminino grupo 1				Não gosta
Masculino grupo 1				Porque gosta, para falar com os amigos
Masculino grupo 1				Para tirar onda
Feminino grupo 2				Não é coisa boa, é coisa de adolescente, de drogados, de pivete de cabelos pintados e de gente ruim
Feminino grupo 2				As vezes usa conversando, mas não sabe.
Masculino grupo 2				Nunca usou é coisa de gente girado, que não fala com as pessoas, é de gente metido
Masculino grupo 2 8				Não usa por se considerar um cara direito, de respeito

**Fonte: autoria própria**

Nesta tabela foi possível perceber que maior parte dos informantes pesquisados não se considera usuário de gírias por diversos motivos, sendo o principal ligado as referências históricas pejorativa relacionadas às mesmas. O gráfico 1 esclarecerá em porcentagem o uso de gírias pelos falantes de Mutuípe.

A informante 1, do grupo etária 1, do centro da cidade demonstra aceitação da gíria, como podemos observar em sua fala: *contato com outras pessoas ajuda a usar também*, por isso, usa de vez em quando.

A informante 2, também do grupo 1, moradora do subúrbio apesar de ser jovem afirma que não usa gírias de forma alguma.

O informante 3, morador do subúrbio, do grupo etário 1, afirma que : *gosta de gírias e porque gosta, para falar com os amigos*

Já o informante 4, também do grupo etário 1, morador do centro, afirma que: *gosta para tirar onda.. E fala de vez em quando.*

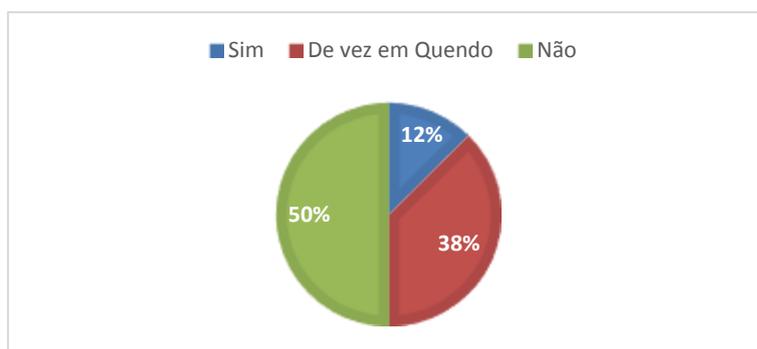
Já a informante 5 do subúrbio da cidade de Mutuípe, do grupo etário 2, deixa claro que não usa gírias, embora a linguagem gíria esteja presente em sua fala: *não é coisa boa, é coisa de adolescente, de drogados, de pivete de cabelos pintados e de gente ruim, sabe?*

A informante 6, do centro da cidade, também do grupo 2, afirma que: *as vezes usa conversando, mas não sabe.* A informante demonstra muita dúvida em relação ao uso de gírias, mas afirma usar de vez em quando.

O informante 7, do centro, do grupo etário 2, afirma que: *nunca usou é coisa de gente girado, que não fala com as pessoas, é de gente metido.*

Enquanto que o informante 8, do subúrbio, do mesmo grupo diz que: *não usa, por se considerar um cara direito, de respeito.*

**Gráfico 1: Emprego de gírias por falantes de Mutuípe**



**Fonte: Autoria própria**

O gráfico 1 mostra que cinquenta por cento dos entrevistados de Mutuípe não se consideram usuário de gírias, trinta e oito por cento afirmam usar de vez em quando e apenas doze por cento confirmam que realmente usam gírias

Ao analisarmos o uso de gírias pelos falantes, percebemos que as informantes jovens do sexo feminino dificilmente assumem o uso de gírias e quando chegam a assumir afirmam que acabam aprendendo as gírias devido ao contato com outras pessoas, como mostra a informante 1: *“o contato com outras pessoas ajuda a usar também”*. A informante ainda afirma com toda certeza que não gosta de gírias por acreditar que está fora do padrão de linguagem adequado, exigido pela sociedade, como é o caso da informante 7: *acha feio, pessoas de lei não deve usar, fica feio para gente da alta sociedade, isso vem de lugar baixo.*

Os homens jovens assumem em unanimidade que gostam de gírias e fazem uso no seu dia-a-dia para conversar com amigos. Segundo o informante 3, ele utiliza gírias *“porque gosta, para falar com os amigos”* mas reconhece que deve haver lugares e pessoas com a qual poderá fazer uso de gírias. Conforme Patriota (2009), isso se justifica porque a gíria é uma variedade linguística que apresenta forte teor de coesão e é formadora de comportamento, principalmente, de adolescentes e jovens.

As falantes 5 e 6 do sexo feminino da faixa etária de 45 anos em diante demonstram não ter conhecimento de gírias, tem dificuldades em apresentar conceitos. Segundo Silva (2008), muito embora quase todas as pessoas utilizem ou usem gírias na sua comunicação diária, poucas conseguem estabelecer uma definição suficientemente precisa sobre o que é gíria e como ela se estrutura, se desenvolve e opera nos diferentes níveis sociais e nos contextos de fala em que é utilizada. Mas ao perceber o exemplo de gírias afirmam que às vezes fazem uso sem perceber como podemos perceber na fala: A falante 6 relata: *“as vezes usa conversando, mas não sabe...”* porém todas informantes demonstram que gírias são linguagens de pessoas de mal caráter como mostra a informante 5: *“não é coisa boa, é coisa de adolescente, de drogados, de pivete de cabelos pintados e de gente ruim”*. No entanto, uma falante confessa que usa gírias de vez em quando. Apesar do preconceito apresentado pelas informantes percebemos que ambas fazem uso de gírias no seu dia a dia, mas como a gírias ainda é estigmatizada pela sociedade, elas tiveram receio em confessar ser usuárias, e fazem associação ao usuário

de gíria ao usuário de drogas e ainda encontram relação entre as pessoas que falam gíria e pessoas que usam cabelos pintados.

Os homens desta mesma faixa etária também demonstram não saber o que vem a ser gírias, estas falas dos informantes evidenciam a falta de conhecimento sobre o assunto como mostra o informante 7: “*nunca usou é coisa de gente girado, que não fala com as pessoa, é de gente metido*” e após ouvir um exemplo de gírias, passam a conhecer o que é gírias, mas de forma alguma, assumem ser usuário de gírias, vendo-as como linguagem marginalizada, como podemos ver na fala do informante 8: “*não uso porque sou considerado um cara direito, de respeito.*” Essa afirmação mostra mais uma vez o quanto que as gírias são estigmatizadas pela sociedade, principalmente os mais idosos que se dizem não usuário de gírias. Da Silva (2009, p.35) afirma isso com precisão: “ Via de regras, esses grupos, ao usarem gírias em suas interlocuções, são marginalizados pela sociedade porque assumem uma postura de afronta aos valores sociais, sendo, então, estigmatizados.”

**Gráfico 2: Referente ao uso e aceitação de gírias pelos falantes dos grupos etários 1 e 2**



**Fonte: Autoria própria.**

Assim, podemos perceber que grande parte do povo entrevistado não aceita ou afirma não fazer uso de gírias..

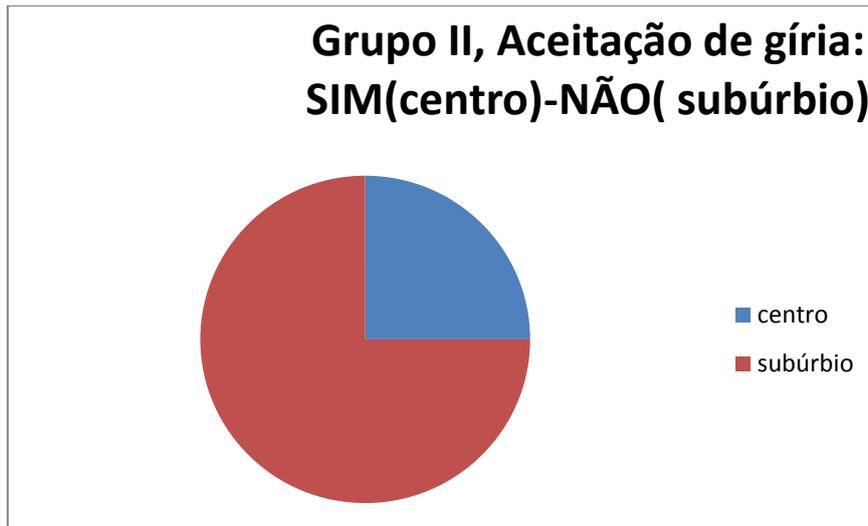
Ainda podemos destacar entre o povo entrevistado qual grupo etário aceita melhor a gíria, para melhor analisarmos veremos o gráfico a seguir:

**Gráfico 3: Aceitação da gíria pelo grupo etário 1**



Como podemos observar no gráfico 3, no grupo etário 1, cinquenta por cento (50%) dos entrevistados do centro da cidade demonstra aceitar melhor o uso da gíria. Nossa hipótese de que no grupo 1, morador do subúrbio tem maior aceitação do uso da gíria se confirma, porém, ainda percebemos que existe um preconceito muito grande em relação a linguagem gíria, referente a primeira faixa etária.

**Gráfico 4: Aceitação da gíria pelo grupo etário 2 baseada na localidade**



**Fonte: Autoria própria**

O gráfico 4 deixa evidente que, no grupo 2, há preconceito muito grande em relação do uso da gíria. Tanto os moradores do centro como o do subúrbio apresentaram preconceito em relação às gírias, porém há uma resistência maior na aceitação do povo do subúrbio. A hipótese de que o grupo 2, moradores do centro apresentariam maior aceitação da gíria, não foi confirmada, pois, no grupo 2, porque, embora, o povo do subúrbio tenha apresentado maior preconceito, os moradores do centro, em menor proporção, também apresentaram.

Os entrevistados apresentavam dúvidas em relação ao conceito de gírias, na verdade, eles não sabiam conceituar. No momento que era citado o primeiro exemplo, eles sabiam dar outros exemplos e dos exemplos citados pelos entrevistados procuramos saber, qual usa, qual não usa de jeito algum e caso não usaria procuramos saber o motivo, como mostra o quadro abaixo:

**Quadro 2: Exemplos de gírias conhecidas pelos falantes**

Informantes	Exemplos de gírias	Qual usa?	Qual não usa de jeito algum?	Por que não usaria?
-------------	--------------------	-----------	------------------------------	---------------------

Feminino, grupo 1	Mano, velho, cara	A velho	Não lembra	Depende o lugar e com quem fala
Feminino grupo 1	Qual foi? Tá ligado?	Não usa	As que têm sentido forte, diferente e ruim	Se fosse para usar, usaria sem problemas
Masculino grupo 1	E aí mano? Qual foi? É nós	Usa todas	Usa todas	Não tem preconceito acha normal usar
Masculino grupo 1	É nós, colé, beleza	E aí paceiro?	É nós	Por que chama muito a atenção
Feminino grupo 2	A vei? Que é isso?	Não usou	Nunca usou	Porque é coisa de drogado...
Feminino grupo 2	Tô fora, né, fica fora do sistema	Usa muitas, as vezes nem sabe que é.	Não se recorda	Não se lembra
Masculino grupo 2	E aí? Como é que tá?	E aí? Como é que tá? Pintá o diabo.	Não se recorda	Acha feio, pessoas de lei não deve usar, fica feio para gente da alta sociedade, isso vem de lugar baixo
Masculino grupo 2	Larga a brasa, comigo ponga lhe outra	Não usa	Não sabe	Gosta de ver os jovens falando, mas não gosta de usar, pois sou um cara direito

**Fonte: autoria própria.**

Foi perguntado aos informantes alguns exemplos de gírias conhecidas pelos mesmos e primeiramente analisaremos as respostas das jovens de 18 a 25 anos, grupo I citou exemplo de gírias de acordo com o informante: *“mano, velho, cara, qual foi? tá ligado?”* Em seguida perguntamos qual das gírias ela usa. A mesma respondeu: *“a velho”* e a informante 2 disse que *“não usa de jeito algum”* e quando perguntamos quais não usariam, a informante 2 confessou que *“não usa as que tem sentido forte, diferente e ruim”* e a informante 1 disse que não lembra qual não usaria. Ao perguntarmos o motivo pelas quais não usa uma informante 1 relatou que: *“depende o lugar e com quem fala”* e 2 respondeu: *“se fosse para usar, usaria sem problemas”*

Assim, é possível perceber que as informantes do sexo feminino conseguem perceber que nós devemos adequar as nossas falas aos ambientes e pessoas com as quais estamos realizando a comunicação. Apesar de as gírias serem consideradas um recurso de comunicação, como mostra Silva (2009, p. 47), as gírias são encaradas como um “recurso no qual os participantes de determinados grupos apoderam-se para melhor decodificarem suas mensagens”. É necessário saber o lugar adequado para o uso de gírias, pois segundo Silva (2009, p.36): “ao usarmos as gírias em suas interlocuções, são marginalizadas pela sociedade porque assumem uma postura de afronta aos valores sociais, sendo, então, estigmatizados.” Por isso há ambientes que não convém o uso da linguagem gíria.

Quando fizemos as mesmas perguntas aos jovens do sexo masculino desta mesma faixa etária, tivemos as seguintes respostas: o informante 3 respondeu que conhece as gírias: “*e aí mano? qual foi? é nós é nós, colé, beleza e aí pacheiro?*” e quando perguntamos quais gírias ele usa?, o informante 3 respondeu que usa todas gírias e o 4 disse que tem umas que não usa como por exemplo “*é nóis*”, e quando foi perguntado porque não usaria as gírias o informante1 disse “*não tem preconceito acha normal usar e o outro 4 afirmou que não usaria “por que chama muito a atenção”*. Muitas pessoas associam as gírias as pessoas ligadas ao crime, por esse motivo o informante 4 demonstra esse medo de chamar atenção com as gírias, porém, as gírias hoje em dia são usadas por todas pessoas como mostra Morais (2015, p.71) apud Pretti (1984,p.3-4) :

a gíria reflete bem certa feição catártica da linguagem das classes marginais, entendendo-se por estas não apenas os marginais do crime propriamente ditos (malandros, punquistas etc.), mas também grupos intelectuais, como os estudantes universitários (...)

Ao fim deste questionário, foi possível perceber que os jovens da faixa etária entre 19 a 24 anos entendem que devem usar a gíria adequada para a comunicação e que, realmente, em alguns lugares e com determinadas pessoas não deve usar gírias.

A mesma pergunta também foi feita as mulheres com idade maior de 45 anos e, em relação as gírias usadas pelas informantes, tivemos a resposta da informante 5: “*a vei? que é isso? tô fora, né, fica fora do sistema*”, perguntamos também quais dessas ela

usa e a informante 5 afirmou que nunca usou, em seguida, confessa que um dia em sua juventude poderia até ter usado, mas não lembra. E quando perguntamos quais gírias não usaria, a informante 6 disse que não usa nenhuma e a 5 não se recorda e procuramos saber por que não usaria e tivemos a seguinte respostas da informante 5: *“porque é coisa de drogado”*, e a informante 6 disse: *“às vezes usa e nem sabe que é, não se recorda”*

Para Moraes (2015, p. 65), “a gíria é um vocabulário de todas as épocas e de todos os povos, se lhe atribuímos o sentido de linguagem de um grupo social determinado. ”

Os homens maiores de 45 anos com as mesmas entrevistas responderam que conheciam gírias como: *“e aí? como é que tá?e aí? como é que tá? pintá o diabo. larga a brasa, comigo ponga lhe outra”* e perguntamos quais gírias eles usavam e um respondeu que: *“não se recorda”* e não usa nenhuma pois: *“acha feio, pessoas de lei não deve usar, fica feio para gente da alta sociedade, isso vem de lugar baixo”*. Um informante disse que *“não usa”* não sabe quais gírias não usaria, porém gosta de ver os jovens usando: *“não sabe gosta de ver os jovens falando, mas não gosta de usar*, e quando foi perguntado o motivo de não usar ele alegou ser um senhor de respeito e acha inadequado para sua idade: *“ pois é um cara direito”*. Assim, percebemos que os homens, com a idade acima de 45 anos, têm uma visão em relação a gírias deferente dos jovens, percebemos muito preconceito da parte dos mesmos, pois embora fique claro, durante a entrevista que eles usam gírias no seu cotidiano, mas eles insistem em afirmar que não usam.

O preconceito apresentado pelo informante 8, é justificado com a comprovação de Corrêa (2009, p.31) em relação a gírias ao afirmar que “ a gíria, na maioria das vezes, é considerada uma variante linguística de baixo prestígio social, relegada à classe pouco instruída(...) *“ Eu não uso, sou um cara direito, mas já ouvi Pinduca falando, sabe?”* Esse preconceito linguístico se deve ao fato de a linguagem gíria, em geral, ser associada a grupos marginais que, por sua vez, também são alvo de preconceito.”

### **Gráfico 5: As gírias são boas para se comunicar?**



**Fonte: Autoria própria.**

O gráfico 5 mostra que dos entrevistados em Mutuípe que se consideram usuários de gíria corresponde a 25% , enquanto que os que afirmam não usarem 75%. Isso confirma que a maioria das pessoas da cidade são muito preconceituosas em relação as gírias e como já apontado no gráfico 5, os idosos ou os do grupo etário dois são ainda mais preconceituosos.

### **Quadro 3: As gírias são boas para se comunicar?**

Informantes	Sim	Não	Por quê?
1	■		Depende do lugar e com quem está falando
2 f		■	Porque as vezes as pessoas esquecem de usar as palavras certa para se comunicar
3	■		Tem momentos que não deve usar
4		■	Não acha legal, não combina, quem usa são as pessoas que usam boné pala reta..
5		■	Não gosta das falas dos pivetes...
6		■	Não gosta, tem cisma ,tem coisas que não se agrada
7		■	Isso é feio, é buling, não gosto de nenhum tipo de gíria
8		■	Gosta de ver os jovens falando, mas não gosta de usar, pois é um cara direito

**Fonte: autoria própria.**

Foi perguntado aos informantes se as gírias são boas para se comunicar, para que todos respondam que sim ou não e por que. Analisaremos as respostas de todos, que responderam da seguinte forma:

A informante da faixa etária 1 as gíria são boas para se comunicar, porque facilita a comunicação, mas depende da pessoa e do lugar o qual está falando. A outra, do mesmo grupo etário, respondeu que não usa gírias para se comunicar “*porque às vezes as pessoas esquecem-se de usar as palavras certa para se comunicar*”. Assim, a informante em outras palavras quis dizer que as pessoas acostumadas a usarem gírias acabam usando-as em ambientes e com pessoas inadequadamente.

Os jovens da mesma faixa etária, sendo feita a mesma entrevista, respondem conforme veremos abaixo:

O primeiro jovem informante respondeu que se comunica com gírias , porque tem momentos que lhe permite usar. Isso comprova que os jovens reconhecem que a linguagem das pessoas deve corresponder aos ambientes e as pessoas com as quais estamos falando para que haja interação entre os indivíduos. O segundo jovem afirma que não usa gírias porque “*não acha legal, não combina, quem usa são as pessoas que usam boné pala reta*”. o preconceito das pessoas em relação a gíria também está associado ao modo de vestir das pessoas. Comprova que o preconceito com esta linguagem está associado a diversos fatores, tais como Corrêa (2009,p.31) “*Padrões que vão desde o modo de vestir, os movimentos corporais e faciais realizados, até a entonação da voz, demonstram, juntamente com a linguagem gíria*”. A informante 5 também faz a associação do uso de gírias com características físicas dos indivíduos, quando a mesma diz que a gíria é: “*de pivete de cabelos pintados e de gente ruim*” . Este informante entram contradição, quando diz que não usa gírias, pois em um momento ele afirma usar gírias com colegas da escola. Essa contradição em relação ao uso da gíria, é devido as gírias serem bastante estigmatizadas em relação a norma padrão.

Todos os informantes da faixa etária a partir de 45 anos, tanto do sexo masculino, quanto do sexo femininos, responderam que não faz uso de gírias para se comunicarem. A primeira justificou que não usa porque “*não gosta das falas dos pivetes*”. A segunda, falou que “*não gosta, tem cisma ,tem coisas que não se agrada*”. O informante da mesma faixa etária afirmou: “*isso é feio, é buling, não gosto de nenhum tipo de gíria*” Esta informante afirmou que gente direita não usa gíria, ao afirmar isso, a informante quis

mostrar que pessoas de classe social e cargo de trabalho elevado não usam gírias. Esta ideia que as pessoas têm de gírias se comprova com a afirmação de Patriota (2009, p.14) quando a mesma afirma que “a gíria é uma variedade típica da língua oral e historicamente sempre esteve associada aos grupos marginalizados da sociedade, por isso, essa variação é estigmatizada pelas pessoas de classe e posição social mais elevada”

**Tabela 4: O que os falantes acham das gírias.**

Informantes	Respostas positivas	Respostas negativas	Não é favor nem contra
1	Acha normal		
2	Se fosse para usar, usaria.	Não gosta	
3	Acha normal	As pessoas são preconceituosas	
4	Usa com algumas pessoas	Não combina	
5		Fala de pivetes, drogados	
6		Acha chato, não se agrada	
7	As vezes falo	Não serve para se comunicar com pessoas de lei.	
8			não ligo as falas dos jovens, as vezes apoiava para não ficar marcado, cada um fala como gosta

**Fonte: autoria própria.**

Na entrevista, procuramos saber as avaliações pelos informantes sobre gírias. Primeiramente, procuramos saber das jovens da faixa de 19 a 24 anos e tivemos as seguintes respostas: uma entrevistada falou que acha normal, outra afirmou que não usa, mas se fosse para usar, usaria. Enquanto que os jovens da mesma faixa etária responderam: O primeiro disse *que acha normal, porém as pessoas que são preconceituosas*. O outro jovem informante, afirmou que *usa com algumas pessoas, pois*

*não combina*. Isso comprova, mais uma vez, que os jovens já estão conseguindo adequar o uso da língua, porque, realmente, é preciso saber o local e com quem usarmos determinadas palavras.

Analisaremos, também, as entrevistas das idosas da faixa etária a partir de 45 anos de idade sobre a avaliação do uso de gírias, reponderam: *falas de pivetes drogados, acha chato não se agrada*. Os homens desta mesma faixa etária responderam: *não serve para se comunicar com pessoas de lei, não ligo as falas dos jovens, às vezes apoiava para não ficar marcado, cada um fala como gosta*.

O preconceito linguístico em relação a gíria, muitas vezes abrange até mesmo pessoas escolarizadas e com poder aquisitivo alto, pois como já foi mencionada, isto é uma questão histórica. Como nos mostra Patriota (2009, p. 9) “A carga de preconceito associada às gíria pode ser vista até mesmo no discurso dos professores”. Isso pode justificar o fato de muitos informantes atribuírem valores negativos a gírias.

**Quadro 5: Opinião sobre as falas das pessoas.**

Informantes/sexo/grupo etário	Pessoas jovens	Pessoas idosas
1 feminino/ jovem	Acha normal, as falas vão evoluindo com tempo	As vezes não da para entender
2 feminino/ jovem	Normal	Acha muito bonito
3 masculino/ jovem	Normal	Não usa gírias
4 masculino/ jovem	Péssimo, nada legal	Alguns usam gírias, não sabem falar
5 feminino/ idosa	Não é legal	Normal
6 feminino/ idosa	Fala coisas que tem sentidos diferentes	Fala diferente, não usa gírias
7 masculino/ idoso	Acha feia as falas gírias	É muito difícil um idoso usar gírias, mas tem velhos que hoje em dia usa gírias
8 masculino/ idoso	Não tem nada contra a quem gosta de gíria, os jovens gostam	As pessoas mais velhas não usam gírias de jeito algum

**Fonte: autoria própria.**

Nesta entrevista procuramos saber dos informantes o que acham das falas das pessoas jovens e das pessoas idosas.

O informante 1 declarou que acha fala dos jovens *normal*, as falas vão evoluindo com tempo e em relação as falas dos idosos ela respondeu que, às vezes, *não dá para entender*. O motivo do informante afirma que as falas dos idosos, as vezes, não são compreensíveis é justificado na língua devido às variações linguísticas que mudam com o tempo, pois a fala das pessoas estão em constantes mudança e o tempo interfere muito nesta variação linguística, pois o contato com as pessoas e até mesmo outras línguas podem influenciar na mudanças ocorridas na língua. Como podemos ver em Calvet (2002, p. 33) “Se não há uma terceira língua disponível, eles vão inventar para si outra forma de língua aproximativa, geralmente uma língua mista”.

A informante 2 considera a fala dos jovens também *normal* porém chata e a fala dos idosos ela *acha muito bonito*. O fato de a adolescente achar a fala do idoso bonita pode estar ligado ao fato de a maioria das pessoas acharem que idosos não fazem usos de gírias, pois, de acordo com Silva (2009, p. 47), “o uso de gíria pelos idosos é mais difícil de ser encontrado talvez devido ao antigo conceito de que o emprego geriátrico só era feito por marginais”. Porém, o autor não afirma que os idosos são isentos da linguagem gíria. Confirmamos esta ideia com a da informante 3, que também considera a fala dos jovens *normal* e afirma que os idosos *não usam gírias*. Além disso, podemos observar também na fala do informante 4, jovem do sexo masculino considera a fala dos jovens *péssima, nada legal*. Em relação às falas dos idosos o informante afirma que *alguns usam gírias, não sabem falar*; e o informante 5, idosa do sexo feminino, afirma que as falas dos jovens não são legais e as falas dos idosos são consideradas normais. A informante 6 reconhece nas falas dos jovens: *fala coisas que tem sentidos diferentes*, e realmente isso acontece, pois segundo Bakhtin \ Volochinov (2006, p. 95) apud Silva (2009, p. 47):

Tudo irá ser definido pelo contexto, por isso os autores definem que, para o locutor “o centro da gravidade da língua não reside na conformidade a norma da forma utilizada, mas nova significação que essa forma adquire no contexto

Assim, podemos observar que como os autores a língua deve ser analisada dentro do contexto de fala . A informante 6 ainda afirma em relação às falas dos idosos que os

mesmos: *fala diferent*. Em relação aos idosos afirma que esse grupo *não usa gírias*. O informante 7, idoso do sexo masculino, em relação às falas dos jovens afirma que *acha feia as falas giroas é muito difícil um idoso usar gírias, mas tem velhos que hoje em dia usa gírias*.

Na maioria das vezes os jovens não incluem os idosos na linguagem gíria, como mostra Silva (2009, p. 46) ao ler Galligaris (2000), para quem a maioria dos jovens “transforma seu grupo de faixa etária uma reunião de outros grupos, podendo excluir principalmente os adultos” como podemos ver o informante 4, que afirma que “*usa pra falar com os amigos*”. A gíria normalmente é mesmo usada para falar, pois, como nos mostra Silva (2009, p. 33), na leitura feita em Biderman (1978) “as gírias, já que são mais comuns na língua oral, apresentam “novas matrizes metafórica” e “metonimicos” substituindo as palavras velhas, ou inventam palavras novas que correspondem a melhores significados com as palavras substituídas”. Por este motivo os jovens devem preferir usar gírias com pessoas da sua idade, que sabe o significado metafórico das palavras gírias e o idoso muitas vezes não as sabem interpretar. O outro informante 8 idoso, do sexo masculino em relação as falas dos jovens afirma: “*não tem nada contra a quem gosta de gíria, os jovens gostam*” “*as pessoas mais velhas não usam gírias de jeito algum*” Mas para Silva (209), p. 35): “a gíria está contida em todos os grupos de uma comunidade. Uns apresentam usos mais abrangentes, (...) Outros com mais dispersos, pois usa em pouca quantidade em um espaço de tempo mais longo”.

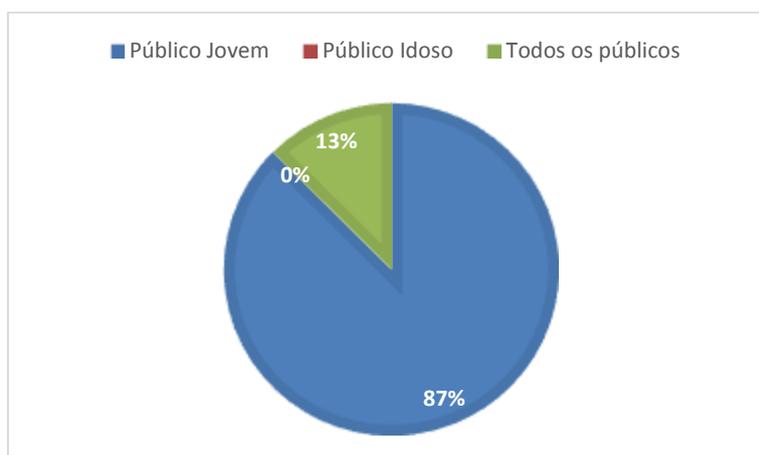
Desse modo podemos compreender e comprovar que é praticamente impossível uma pessoa não usar gíria, principalmente com tanta influência que temos atualmente da mídia que apesar de muitas pessoas ainda atribuírem valores negativos é muito crescente a linguagem gíria, como nos confirma Corrêa (2008, p. 33)

Todavia uma atenção desse caráter pejorativo da gíria, embora ainda incipiente, começa vislumbrar-se devido a maior exposição de seus grupos na mídia, sobretudo televisiva, decodificando e propagando parte dessa linguagem fazendo-a tornar-se mais popular e consequência, menos temido.

O fato de o informante 8 destacar sua neutralidade diante da entrevista sobre o uso da gíria e os jovens afirmarem que os idosos são desprovidos do uso da mesma,

confirma com o desprestígio social apresentado à gíria apesar de toda propagação que esta linguagem tem hoje em dia.

**Gráfico 6: O uso das gírias pelos informantes.**



Fonte: Autoria própria

**Tabela 6: A frequência do uso de gírias**

INFORMANTES	PÚBLICO JOVEM	PÚBLICOS IDOSOS	TODOS PÚBLICOS
1 F JOV			
2 F JOV			
3 M JOV			
4 M JOV			
5 F IDOSA			
6 F IDOSA			
7M IDOSO			
8 M IDOSO			

Fonte: autoria própria.

Ao procurarmos saber dos informantes quais faixas etárias usam mais gírias, entre público jovem, idosos e todos os públicos, com exceção do informante 8, todos os informantes acreditam que o público jovem usa mais gírias. E realmente eles têm razão, às gírias são entendidas como linguagem usada por jovens, porém não é descartada a ideia de que todos os públicos fazem uso desta linguagem. Tanto o gráfico 7 quanto a tabela 6, nos mostram que a maior parte dos participantes consideram que gírias é linguagem usada pelo público jovem, porém a maioria das pessoas usa esta linguagem e como vimos no percentual de 0%, os idosos não fazem uso de gíria, o motivo desta constatação e vimos que está relacionado a uma questão histórica.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo observar o conceito que dois grupos etários diferentes de Mutuípe-BA, têm sobre o uso de gírias. Assim, foi possível, também, fazer uma discussão sobre essas práticas linguísticas, bem como as suas variações nos ambientes sociais. Partimos do pressuposto de que a gíria trata-se de um fenômeno sociolinguístico empregado, na maioria das vezes, por jovens e adultos de diferentes classes sociais. E que as pessoas, hoje em dia, usam gírias em diversos ambientes, principalmente dos jovens, que usam esta linguagem nas ruas, nas escolas e na maioria dos lugares que frequentam. Por isso, verificamos conceitos que falantes de dois grupos etários de Mutuípe têm sobre o uso de gírias. Além disso, previmos também que os valores sociolinguísticos são atribuídos às gírias de forma diferentes por esses falantes conforme, a faixa etária. Assim, já supúnhamos que a faixa etária mais alta atribuía valor pejorativo as gírias enquanto a menor atribuía valor positivo. Para embasar teoricamente este trabalho, fizemos leituras de obras que seguem: Calvet (2002), Bisnoto (2007), Bagno (2007), Lucchesi (2002), Alkmim (2003), Patriota (2009), Crrêa (2008), Silva (2009), entre outros.

Ao analisarmos o uso de gírias pelos falantes, percebemos que 50% dos falantes afirmaram que não usavam gírias 12% disseram que usavam e 38% afirmaram que só usavam de vez em quando. Ao perguntarmos exemplos de gírias conhecidas pelos

falantes, ambos os grupos etários tiveram dificuldades em exemplificar gírias, certamente, por não ter certeza do conceito de gírias e pelo valor pejorativo, historicamente, previsto a linguagem.

Ao ter certeza de que a faixa etária mais jovem demonstrou positividade em relação ao uso das gírias enquanto que da faixa etária mais alta parte foi contra e a outra metade ficou neutra, ou seja, não era contra ao uso, porém não usava, teoricamente, pois na prática, usava. Apesar de perceber que os entrevistados ao fim da entrevista, tratando das duas faixas etárias, faziam uso de gírias, fomos surpreendidas ao perguntarmos se as gírias são boas para se comunicar: 75% dos entrevistados disseram sim e 25% que não; a maioria, também, ao perguntarmos sobre o que o informante acha das gírias, considerou como algo negativo, tanto o uso quanto as pessoas que fazem uso de gírias. Os falantes da faixa etária maior afirmam que quem faz uso de gírias são pessoas de más índoles, ligadas ao tráfico, gente ruim. Na entrevista do grupo etário 2, a partir de 45 anos de idade e sobre a avaliação do uso de gírias foi possível perceber o valor negativo atribuído a gíria, principalmente, quando responderam que *gíria era fala de pivetes drogados, achava chato não se agradava..* Enquanto que a faixa etária menor, segundo a pesquisa, acredita que a gíria é uma forma de comunicação entre pessoas, mas ainda demonstra preconceito. Isso é percebido no momento em que a entrevistada da faixa etária menor relatou que *acha normal*, outra afirmou que *não usa, mas se fosse para usar, usaria*. Apesar da resposta dada pela informante, no decorrer da entrevista, foi possível perceber que ela usa gírias naturalmente. Já os jovens da mesma faixa etária, responderam que acham normal usar gírias, porém as pessoas que são preconceituosas, como de fato sabemos disso, e o outro jovem informante do mesmo grupo etário afirmou que usa com algumas pessoas, pois não combina. Isso comprova, mais uma vez, que os jovens já estão conseguindo adequar o uso da língua, pois, realmente, é preciso saber o local e pessoas para usarmos determinadas palavras.

Portanto, as gírias representam o modo de expressão vivida pelos jovens em cada época, mostrando, assim, seu contexto sociocultural. Os adultos deveriam refletir sobre o conceito que os mesmos têm sobre gírias, pois não cabe mais que estes ainda considerem que as gírias sejam uma linguagem de “malandros ou de marginais”, pois as gírias romperam este conceito, mostrando-se como um recurso para a comunicação.

Ainda foi possível constatar entre os entrevistados, que os moradores do subúrbio, em geral, são mais preconceituosos em relação ao uso das gírias e os falantes do grupo etário I, tanto o do centro da cidade quanto o do subúrbio são menos preconceituosos e passivos a mudanças e aceitação de novas linguagens, daí supomos que os moradores pesquisados do centro de Mutuípe são mais preconceituosos nos dois grupos etários, porém o grupo II, do centro que seria entrevistado, apresentaria mais estigma e nos surpreendemos ao constatar que no grupo II, o preconceito maior em relação ao uso de gíria foi pelos informantes do subúrbio, os quais pensaríamos que sofriam ao perceber o estigma que a maioria das pessoas tem em relação a moradias delas, quando muitas dizem que “gírias é linguagem de malando da favela”.

Em relação aos jovens, nossa hipótese foi realmente confirmada, pois este grupo etário, por ser disposto a mudanças em sua maioria, é mais fácil na aceitação da gíria. Porém, foi surpreendente a dúvida que o grupo etário 1 teve ao falar do conceito de gíria, talvez seja, pela forma como esta linguagem ainda é mostrada nas escolas. Mais adiante, pretendemos, em outro trabalho, verificar se o ambiente frequentado, programas de televisão ou rádios usados pelos entrevistados interferem na aceitação ou não do uso de gírias pelos falantes de Mutuípe. O estudo de gírias, é de suma importância para o professor, sobretudo de Língua portuguesa, pois trabalha com o uso da língua e as gírias embora tão usadas pela maioria das pessoas, sobretudo os jovens, ainda é discriminada pela maioria das pessoas de diversos grupos etários, devido ao fato de a gramática normativa considerar positiva e “correta” a norma culta e se opor as demais normas, sobretudo as gírias que muitas pessoas as relacionam a linguagem de malandros, considerando negativas quem faz uso dela. Assim, cabe ao professor de língua portuguesa, ao ensinar variação linguística, aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre gírias, de forma que estes, além de conhecer conceitos aprendam a usar de acordo com contexto e respeitar a variação linguística das pessoas de forma que conheça que não há uma melhor ou pior que outra.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_ Disponível em: <http://historiamutuipe.blogspot.com.br>. Acesso em 06/06/2016 às 17h35minh

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.v.01.

AVELINO, H. C. M.; BUENO, Elza Sabino da Silva. Variação Linguística: estudo comparativo do uso de palavras calão e gírias no português falado por alunos do ensino fundamental e médio de Dourados. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (ENIC), 7., 2009, Dourados. **Anais eletrônicos...** Dourados: UEMS, 2009. Disponível em: < <http://periodicos.uems.br/index.php/enic/article/view/2047> >. Acesso em: 15 Dez. 2015.

BISNOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

Calvet, Louis-Jean – **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

C. 2001. **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. São Paulo. Cortez, 2001.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. 2001. In: MUSSALIM, F. BENTES, A.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Izete Lehmkuhl...[et al]. **A teoria da variação e mudança linguística: noções básicas**. In: **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORREIA, Júlio César Portela. **Gíria: O Universo linguístico de adolescentes infratores do Paraná**. 2008. 201fl. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, 2008.

**do Ensino Médio**. (Dissertação). Mestrado em Ciência da Linguagem. Recife:

**Historia de Mutuipe**, Disponível em: <http://almeidanoticias.com>. Acesso em 06/06/2016 as 22:40h.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutuípe> . Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

IBGE: \_\_\_\_\_, Mutuípe, BA Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=292240> Acesso em: 06/06/2016 às 20:45h

LUCCHESI, Dante. **Norma linguística e realidade social**. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-92.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Breve Excurso da Linguística no século XX**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. **Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro.** In: BAGNO, M. *Linguística da norma.* (org.). São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 291-316.

MUSSALIM, Ana Cristina Bentes (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras,** v.1. 3 ed -. São Paulo: Cortez, 2003.

Mutuípe.com/ o portal da cidade de Mutuípe-Ba, Disponível em <http://www.mutuípe.com/2010/> e-Ba. Acesso em 09/06/2016.

PATRIOTA, Luciene Maria. **A gíria comum na interação em sala de aula.** Coleção Língua e Linguística: : Editora Cortez. São Paulo, 2009.

REBOUCAS, Helena Pires. 1920. **Mutuípe, Pioneiros e Descendentes.** Salvador-Ba: Editora Universitária Americana, 1992, p. 35-99.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza. **O apagamento do -R – em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?** 2013. 109f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. Salvador, 2013.

SCHNEIDER, Maria Nilse. **Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul.** 2007. 261 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Rômulo Felipe da. **Tá ligado? Uso e sentido das gírias entre estudantes** Universidade Católica de Pernambuco, 2009.

## APÊNDICE



### Centro de Formação de Professores Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras Professor: Gredson dos Santos

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, maior de idade, estou sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa universitária **AS GÍRIAS: AVALIAÇÃO SOCIAL POR FALANTES DE MUTUÍPE**, Orientada pelo Professor Dr. Gredson dos Santos, do curso de Letras da UFRB. A pesquisa tem como objetivo registrar entrevistas orais gravadas por pessoas naturais da cidade de Mutuípe a fim de registrar suas opiniões sobre o uso de gírias.

Minha participação neste estudo consiste: a) na permissão para o/a pesquisador/a gravar uma entrevista com duração livre para que eu possa responder a 10 perguntas sobre o uso de gírias por pessoas jovens e por idosos.

Com este termo, estou sendo esclarecido/a de que sou livre para participar ou para desistir da pesquisa. A minha participação é voluntária e se eu desistir de participar isso não resultará em qualquer penalidade ou modificação na forma em que sou tratado pela pesquisadora, que, além disso, garante que tratará a minha identidade e meus dados com o devido sigilo.

O estudo não apresenta risco de nenhuma natureza e as entrevistas só serão utilizadas para estudos universitários sobre a língua portuguesa.

A pesquisadora garante que a gravação estará à minha disposição e só será guardada após a minha assinatura neste termo. Não autorizo, sem a minha permissão, a liberação, para outra finalidade que não os estudos acadêmicos ou pedagógicos, dos dados e informações gerados pela minha participação na pesquisa.

Assino esse termo em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra ficará comigo.

Fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas diretamente com a pesquisadora. Finalmente, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

**Centro de Formação de Professores**  
**Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras**  
**Professor: Gredson dos Santos**

**AS GÍRIAS: AVALIAÇÃO SOCIAL POR FALANTES DE MUTUÍPE**

**FICHA DO INFORMANTE**

<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>		
1. NOME:	2. APELIDO:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO:	5. IDADE:
6. ENDEREÇO:		
7. NATURALIDADE:	8. IDADE COM QUAL CHEGOU À LOCALIDADE (CASO NÃO SEJA NATURAL)	
9. TEMPO E MOTIVO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:		
10. ESCOLARIDADE:		
11. NATURALIDADE DA MÃE:		
12. NATURALIDADE DO PAI:		
<b>13. TIPO DE ATIVIDADE</b>		
14. ASSISTE TV? A ( ) TODOS OS DIAS B ( ) ÀS VEZES C ( ) NUNCA	15. PROGRAMAS DE TV PREFERIDOS: A ( ) NOVELAS    B ( ) NOTICIÁRIOS    C ( ) FILMES  D) ( ) ESPORTES            E ( ) RELIGIOSOS  C ( ) PROGRAMA DE AUDITÓRIO    F ( ) FILMES	
16. OUVE RÁDIO?  A ( ) TODOS OS DIAS B ( ) ÀS VEZES C ( ) NUNCA	17. PROGRAMAS DE RÁDIO PREFERIDOS:  A ( ) PROGRAMAS MUSICAIS    B ( ) NOTICIÁRIOS	

	C) ( ) ESPORTES                      D ( ) RELIGIOSOS
18. QUE TIPO DE DIVERSÕES COSTUMA PARTICIPAR?	
19. OUTRAS OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:	

**Centro de Formação de Professores  
Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras  
Professor: Gredson dos Santos**

---

**AS GÍRIAS: AVALIAÇÃO SOCIAL POR FALANTES DE MUTUÍPE**

**FICHA DO INFORMANTE**

**(para preencher após a entrevista)**

1. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: TÍMIDO ( )    ESPERTO ( )    PERSPICAZ ( )    SARCÁSTICO ( ) FLUENTE ( )	
2. NATURALIDADE DA ELOCUÇÃO: TOTAL ( )    BOA ( )    RAZOÁVEL ( )    BAIXA ( )	
3. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE A ENTREVISTA: COOPERATIVA ( )    NÃO COOPERATIVA ( )    RÍSPIDA ( ) INDIFERENTE ( )	
4. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR GRANDE ( )    MÉDIO ( )    PEQUENO NENHUM ( )	
5. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:	
6. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DOS CIRCUNSTANTES:	
7. AMBIENTE DA ENTREVISTA:	
8. NOME DOS ENTREVISTADORES: ENTREVISTADOR: AUXILIAR 1 AUXILIAR 2:	9. LOCAL DA ENTREVISTA
	10. DATA DA ENTREVISTA

	11. DURAÇÃO DA ENTREVISTA:
12. OUTRAS OBSERVAÇÕES	